

ASSIGNATURAS		
ANNO	20\$000
SEMESTRE	12\$000
—		
Numero avulso. 500 rs.		

OS ANNAES

ESCRITORIO
E
OFFICINAS
RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Ha uma aversão latente á bandeira nacional, espôcando, a espaços, em aggressões mais ou menos virulentas a essa obra de esthetica positivista.

Floriano Peixoto, que tinha surdo teiró a tudo quando lhe cheirava ás saias de Clotilde de Vaux, tentou mansosamente reformar a bandeira do sr. Teixeira Mendes e conferiu esse espinhoso encargo ao *maire* do palacio, o sr. Valladão, que perpetrou nesse sentido, um projecto axphyxiado no nascedouro pela franca attitude de rebeldia dos alumnos da Escola Superior de Guerra, (1) fascinados então pelo fetichismo scientifico que, mais tarde, emporcalhou de lama e sangue a brilhante victoria do marechal.

Os alumnos officiaes procuraram conhecer a opinião do marechal sobre a bandeira; intimaram-no a jogar franco com as cartas na meza, a declarar se perfilhava, ou não, o projecto, e, como elle se abrigasse em irreductiveis reticencias, resolveram affrontar a opinião liquidando a duvidosa situação nas columnas da imprensa.

Uma commissão de alumnos foi ao marechal mostrar o manifesto da escola contra o projecto, um manifesto sublinhado de phrases audaciosas, de insinuações de rebeldia, como a que se lia no trecho em que elles affirmavam que a bandeira de Benjamin Constant, se fôsse victorioso o projecto, ficaria sendo sempre o symbolo da Patria para o exercito, até que visse um governo serio e honesto para restaural-a.

O marechal leu o artigo-manifesto e respondeu:

— Penso que isto é uma inconveniencia: seria melhor não publicar este artigo.

— Não viemos pedir a sua opinião — respondeu o official incumbido da

missão — viemos dar-lhe uma prova de lealdade e desassombro, avisando-o do que vamos fazer.

O marechal mordeu o bigode, esfregou o nariz, e não replicou: elle bem sabia que aquellas cabeças exaltadas pelos vapores da demagogia scientifica, seriam capazes de todas as loucuras. Era prudente contemporisar para evitar maiores males, como seria mais uma revolta militar nos agitadissimos dias subsequentes ao 23 de novembro, depois da reacção victoriosa contra o golpe de Estado.

No outro dia, o *Jornal do Commercio* publicou o manifesto dos alumnos officiaes da escola superior de guerra, assignado por todos, tendo na primeira linha *Ximeno Villeroy*.

Toda a gente, lendo o audacioso manifesto, estremeceu pela sorte dos rapazes; a egreja positivista em peso se prostrou numa adoração propiciatoria aos seus fetiches, resando pela alma dos seus destabocados discipulos e catechumenos: era de esperar um desses actos de repressão implacavel da omnipotencia suffocando cataclysmos no nascedouro: mas não se moveu. Elle, que seria capaz de reformar com um traço de penna doze generaes que lhe significaram cordealmente a necessidade de certos actos politicos, não se deu por achado: mordeu outra vez o bigode, esfregou a ponta do nariz e sorriu desdenhosamente.

Aquelle acto de indisciplina audaciosa salvou do golpe engatilhado pelo sr. Valladão a bandeira, que, conforme a erudita opinião do apostolo Teixeira Mendes, symbolisa o nosso Passado, o nosso Porvir e o nosso Presente (com pp maiusculos) a nossa terra que tem palmeiras, o nosso céu cheio de estrellas, os feitos dos nossos paes e as nossas aspirações, a nossa filiação com a França, o centro do Occidente, e por esse lado, nos prende a toda a evolução humana passada e ao mais remoto futuro, e tudo isso—idéas fundamentaes

de uma seita, tendencias politicas, phenomenos de sociologia,— symbolisado eloquentemente na estreita área do lozango amarello pela bola que restaura a esphera armillar de d. João VI em campo de oiro, pelo zodiaco da Ordem e Progresso, pelas constellações que, segundo Eduardo Prado, dão uma idéa errada do aspecto do céu do nosso hemispherio.

Era natural que a escola superior de guerra obedecesse ás palavras do mestre. Ella, representando a parte da Nação, a unica parte em quem o culto fetichico da bandeira foi systematicamente mantido, a força publica de mar e terra, melhor que qualquer outra classe de cidadãos, devia, naturalmente, sentir as condições a que tinha de satisfazer o novo emblema dos feitos e das esperanças da patria brasileira, um symbolo que o apostolo affirmára coincidir essencialmente com uma patriotica inspiração do denodado chefe do Governo Provisorio e corresponder ás tocantes emoções dos nossos soldados e marinheiros, ao mesmo tempo que traduzia o conjuncto das aspirações nacionaes.

A intolerancia desses fetichistas da bandeira não se assanhou com o projecto do sr. Celso de Souza, o representante catholico do Leão do Norte, que está agóra no fóco da anciedade dos candidatos á successão do chefe da Nação, presos aos labios purpurinos do chefe Rosa e Silva, indecifreveis, mudos, como os de uma esphinge.

Será porque se lhes tenham arrefecido a fé, as convicções, a obediencia á doutrina? Será porque elles, os arduos discipulos de Benjamin Constant, não contam mais com a paternal complacencia de Floriano Peixoto? Em todo o caso, elles não perpetraram ainda outro manifesto contra o projecto Celso de Souza, que não passa, *mutatis mutandis*, de uma reproducção daquelle que o marechal inspirára ao sr. Valladão. Nem mesmo o deputado Thomaz Cavalcante, que é um fervo-

roso sectario, ousará defrontal-o, sob a égide da immuniidade parlamentar.

Vaticinamos, entretanto, que esse projecto dormirá sob a pedra fatidica, no olvido onde immergiram para sempre tantos outros cheios de idéas patrióticas, porque a situação é demasiado melindrosa para uma refôrma da bandeira, refôrma que não comprehende sómente um caso de esthetica, senão um caso politico, que poderia assanhar casas de maribondos, que não andam muito contentes e aos quaes não se tem passado bastante mel pelos beiços, com aquella prodigalidade dos tempos passados, a melhor argamassa da fidelidade.

Desengane-se o sr. Celso de Souza e console-se com o destino do seu projecto: seria temeridade emprender esse trabalho herculeo que resistiu aos esforços da omnipotencia, do prestigio de Floriano Peixoto.

M. A., com o seguro criterio inspirador das suas *Ordens do Dia*, ponderou que uma bandeira não é uma camisa que se muda todos os dias. A alteração do emblema não é urgente nem genero de primeira necessidade. Deixemol-o, portanto, para mais tarde, para ser feito por uma dictadura, por uma revolução radical, que será a terrivel surpresa de proximos dias, como resultado funesto dessa monstruosa politica dos governadores, esse abortivo fructo da perfidia com que o sr. Campos Salles iniciou o seu governo, governo pittorescamente appellidado das cinco saias, cujos escandalos ainda hoje estão, para vergonha do nosso Paiz, dando que fazer ao Supremo Tribunal Federal.

* * *

A proposito de candidaturas presidenciaes, um amigo pediu palpite a um dos mais notaveis estadistas do Imperio, um daquelles que deixaram luminoso risco na historia.

—Que pensa v. ex. acerca dos dois candidatos—Campos Salles e Bernardino de Campos.

—Homem, eu lhe digo—respondeu o conselheiro—O amigo conhece, sem duvida, a anedocta de um verzejador d'agua doce, que deu dois sonetos a Bocage para que este escolhesse o melhor. O grande poeta, depois de ler attentamente o primeiro soneto, deu preferencia ao outro.

—Como—retrucou o consultante—opina pelo outro se não o leu?

—E' que—respondeu Bocage—não pôde sair do bestunto humano soneto peor do que este que acabo de ler.

—Ahi está—concluiu o conselheiro—a minha humilde opiniao.

E, como o interlocutor estacasse sem comprehender, o eminente estadista accrescentou:

—Applique *el cuento*: Campos Salles é o soneto lido.

POJUCAN.

Nas *paginas esquecidas*, desta edição, os leitores encontrarão o protesto dos officiaes da Escola Superior de Guerra, além de tudo o mais que, nesse sentido, illustra a questão.

A ARMADA NACIONAL

Começamos, neste numero dos *Annaes*, a dar publicidade a uma série de artigos, cuja natureza, o auctor, homem de grandes responsabilidades, explica, formalmente, na seguinte carta, com que precede o seu erudito e curiosissimo trabalho:

Meu caro redactor.

Levado pela extraordinaria sympathia que me liga á Armada Nacional, em cujo seio encontro proximos parentes e amigos dos melhores, e, aproveitando largas horas de lazer, permitidas por circumstancias anormaes sobrevindas ao meu regimen de vida, dispúz-me a estudar o passado da nossa marinha de guerra, a analysar a decantada «marinha de outr'ora.»

Arrastaram-me tambem a esse estudo o lastimavel estado a que chegou aquella instituição em nossos dias e as queixas, aparentemente exaggeradas, que se ouvem ao geral dos nossos officiaes. Narram-se realmente factos vergonhosos de mais para que, sem attenção a provas, nelles se creia; escandalosas injustiças por parte das administrações, tão escandalosas que só por serem ditas por gente fidedigna merecem que se lhes dêem fóros de verdades; e, por fim, descreve-se uma tal desorganisação; revela-se uma tal ausencia de escrupulos e de respeito a direitos e a meritos; manifesta-se um tal regimen de filhotismo e de obediencia á protecção politica, que dir-se-ia impossivel fôsse a marinha da Republica successora da armada imperial, se esta era o que querem tenha sido os que ainda hoje a choram. Nem tão longo periodo tem decorrido, nem tão poucos são os que de uma passaram para outra.

Como, porém, aquella é uma verdade; como, effectivamente, a de hoje é a continuação da de outr'ora, eu cheguei, pois que tenho a certeza e as provas de que aquelles factos vergo-

nhosos, de que aquellas injustiças escandalosas, de que a desorganisação descripta, a ausencia de escrupulos revelada e o regimen de filhotismo e da protecção manifestados, são verdades incontestaveis; cheguei, dizia, a suspeitar que a marinha de outr'ora ficava muito aquem da grandeza que lhe attribuem, e que todos os erros e vergonhas da actual eram consequencia logica e natural de más administrações anteriores, tendo ainda a provocal-os causas nascidas após 15 de novembro de 89.

O estudo que fiz, e a que já me referi, confirmou inteiramente essa suspeita; mesmo assim foi tal a surpresa ao constatal-o que não pude abster-me de escrever algo a respeito; escrevendo, comprehendi que só teria o direito de desvendar occultas miserias e erros esquecidos, no intuito de ser util á Armada e ao meu Paiz, e entendi que essa utilidade só seria real se ás paginas em que combatesse a marinha de outr'ora, eu juntasse paginas em que patenteasse a desgraçada situação da marinha republicana.

Obedeci a essa orientação, e occupei-me da Armada Nacional desde 1822 até 1905. Não é uma historia naval brasileira, o trabalho que ora termino; não; é tão só uma analyse rapida da vida dessa instituição. Nada ficará occulto, convencido, como estou, de que a nossa marinha de guerra não tem o menor valor e de que o não tem devido sobretudo ao systema de mentiras officiaes, das apparencias enganosas, da mascarada, em summa, systema a que foi habituado o Paiz, por todos quantos a têm administrado, em geral.

Envio-lhe hoje as primeiras paginas; por tratarem justamente duma epocha remota, não despertarão muito interesse, estou certo; á proporção que nos fôrmos approximando do presente, porém, asseguro-lhe que serão mais lidas, mais apreciadas e, por certo, acrememente commentadas, não pelo valor que possam ter, mas sim porque encerram a verdade.

* * *

Analyse das coisas da nossa marinha de guerra, desde 1822 até 1905—A formação da marinha imperial.

A conquista da Independencia no Brazil, não foi feita pacificamente, não foi uma victoria incruenta, como, 67 annos passados, o foi a da Republica; sabemol-o todos.

As tendencias separatistas, cujas primeiras manifestações fôram tão duramente castigadas nas personagens do drama da Inconfidencia, não se desvaneceram ante o supplicio do Tiradentes e o degredo de seus cumplices. Continuaram antes, patente como era já a mesquinhez da metro-

pole ante a pujança da colonia, a brotar mais fortes, mais frequentes e apenas mais prudentes.

A animosidade franca entre o elemento indigena e o metropolitano, accentuava-se dia a dia e deu inicio a uma série de luctas sem importancia, na apparencia, luctas que mais forte irromperam em varios pontos do Paiz quando Pedro I, num rasgo audaz, quicá interesseiro, mas em todo caso intelligente, atirou ao povo, que queria ser livre, o brado de «Independencia ao Morte».

Então, o elemento genuinamente portuguez, do qual aquelle principe, havia muito, se divorciára, considerando traição o que nada mais era do que consequencia logica do deperecimento de Portugal, dum lado, e, doutro, do extraordinario rigor que ao Brazil parecia reservar futuro proximo; não desejando ver perdida para a corôa portugueza a parte mais rica do imperio lusitano de ultra-mar, imperio cuja conquista constituiria o periodo aureo da historia da nossa metropole, explodiu em varias provincias do Paiz, numa lucta de resistencia aos impulsos dos que queriam procurar, libertos, um engrandecimento que a velha mãe patria, sob o jugo de dynastia e estadistas banaes, e impotente para acompanhar a evolução politica que se vinha operando no universo, não mais lhes poderia dar.

Foi sobretudo na Bahia e na provincia cisplatina de mais tarde, que essa lucta assumiu character mais serio. Forças portuguezas de mar e terra, relativamente importantes, achavam-se concentradas quer num quer noutro ponto; e, depois do embarque, para a metropole, da tropa que no Rio de Janeiro estacionava e parte da qual, conseguindo illudir a vigilancia de Diogo Jorge de Brito, que com uma esquadra a comboiava, fôra aportar á Bahia, eram este ponto e Montevidéo os fôcos mais poderosos, naturalmente indicados, da resistencia portugueza, que, entretanto não deveria ser muito duradoura.

Após diversos combates e as operações combinadas das forças brasileiras de terra e mar, tiveram as portuguezas de evacuar a Bahia, e na banda Oriental, perdida a esperanza de apoio na armada e impotentes contra esta as forças navaes que d. Alvaro do Costa então e ás pressas organisára, a lucta tinha egual fim para Portugal.

Dahi, dessa resistencia, que foi necessario vencer para firmar a nossa independencia, tendo de estabelecer bloqueios e de bater-se contra as divisões navaes da Bahia e de Montevidéo, nasceu a nossa marinha de guerra, e nesse nascimento a figura sympathica de João das Botas, encarna a iniciativa particular do joven povo livre, auxiliando a do go-

verno do primeiro Imperador, a quem devia essa liberdade.

Organisada a nossa esquadra com alguns navios portuguezes passados á nova bandeira e outros mercantes que transformámos; abastecida da marinhagem contractada toda e em grande parte portugueza mesmo, o que a principio tão serias contrariedades causou a lord Cochrane; havendo muitos officiaes, tambem daquella nacionalidade, adherido á nossa independencia, ou porque já estivessem mais vinculados ao Brazil que á propria patria, ou porque vissem na nação que vinha de nascer um prolongamento da outra, sob o governo da mesma casa dynastica, mas, todos, em summa, com egual sinceridade e tendo sido contractados ainda officiaes de outras origens, insufficientes como eram então os portuguezes e brasileiros que possuíamos, creava-se a marinha de guerra brasileira dotada de chefes e officiaes já feitos, praticos, apta a desenvolver-se e a engrandecer-se, occupada, como havia de ser por muito tempo, em exercitar-se na sua unica esphera de acção, esphera que tem por pólos o mar e a guerra.

Entre os estrangeiros que contractámos para nosso serviço, havia alguns, reputações firmadas já, quer em campanhas navaes na Europa, quer nas da independencia das colonias hespanholas da America: Cochrane, Taylor, Geenfell e outros; e, se para uma marinha perfeitamente organizada, eram elles elementos de grande valor, para nós então, que apenas começavamos a preparar a nossa, eram os seus serviços preciosos e acquisições inestimaveis.

O grupo dos officiaes portuguezes era numeroso e compunha-se de pessoal pratico na manobra e na navegação; mas, como o pessoal brasileiro, ainda inexperiente nas grandes e serias campanhas de guerra.

Como na maioria dos casos, era, pois, a armada brasileira filha das necessidades de occasião. Nenhum plano preconcebido de organizar na paz (nem tempo ou ensejo para fazel-o, houve) esse elemento garantidor da vitalidade dum povo!

E' bem de suppor que, se a nossa independencia politica tivesse sido obtida sem sangue, sem lucta, Pedro I, ou pelo seu criterio ou pelo prurido de creações e transformações que toda evolução violenta determina, tivesse pensado em organizar uma marinha de guerra para o Paiz, aproveitando os elementos deixados pela metropole.

Felizmente, porém, não foi necessario confiar numa ou noutra corrente, e a nossa armada nasceu imposta pelas circumstancias de occasião; e daqui por deante, veremos que sempre esse factor—o momento—foi que com mais

força concorreu para desenvolver o nosso poder naval.

Após aquellas, sob o ponto de vista militar quasi sem importancia, campanhas novas da Bahia e de Montevidéo e que ás nossas almas de brasileiros, se téem, por vezes, afigurado prenhes de feitos e episodios culminantes, seguiram-se os serviços prestados pela esquadra á causa da Independencia, no Maranhão e no Pará; esses, então, platonicos, de facto.

Iam, entretanto, os nossos officiaes se formando ou se aperfeiçoando, nessas viagens forçadas ao longo das nossas costas, em cruzeiros duradouros e penosos, aos quaes nem sempre basta, para resistir, robustez physica, senão tambem fortaleza de animo, forte envergadura moral.

O preparo intellectual necessario ao exercicio da profissão, porém, era ainda bem simples de obter-se, nessa epocha, que se distancia já de 80 annos. Um pouco de mathematica para applical-a, juntamente com algumas noções de astronomia, á navegação; manobra á vela, artilharia e tactica bastavam para preparar o official da armada; a artilharia, porém, tão rudimentar ainda, não exigia grandes estudos e, feito esse curso, vinha então a pratica completar o official, pratica facil de dar e de receber nessas grandes viagens á vela, em que, por vezes, fica um navio, 30, 40 dias em mar alto, luctando por fazer caminho util, arrostando ventos contrarios e tempestades, na impotencia de enfrentar, superior, os elementos, sujeito, como é, aos caprichos do proprio motor.

E' prova do que dizemos, daquella simplicidade de estudos, é o programma de ensino da Real Academia dos Guardas-Marinha, que de Lisbôa para o Rio se trasladára em 1808, com d. João VI, e que aqui permaneceu, tendo depois da Independencia perdido pequena parte de seu pessoal, que optou pelo regresso ao reino.

Eis o programma :

1º Anno : Arithmetica, Geometria, Trigonometria e Apparellho.

2º Anno: Principios de algebra até equações do 2º gráu, inclusive; suas primeiras applicações á Arithmetica; Geometria: secções conicas; Mechanica com a sua applicação immediata ao Apparellho e á Manobra; Desenho de marinhas e rudimentos sobre construcção do navio.

3º Anno: Trigonometria espherica; navegação theorica e pratica; rudimentos de tactica naval; continuação de desenho, rudimentos de artilharia, e exercicio de fogo, tactica militar e artilharia pratica.

Era esse o curso dos nossos officiaes de então: nessa escola se formaram.

Admittia-se o voluntariado tambem, que, após certo tirocinio e certos

exames, dava direito á patente, independente da frequencia da academia, e foi assim, por esse processo, que se fez official o glorioso marquez de Tamandaré. Ainda para supprir as necessidades que surgissem, contractavam-se officiaes nauticos, pilotos.

* *

Firmada definitivamente a nossa Independencia, não pôde a novel marinha de guerra permanecer inactiva por muito tempo. Surgiu em 1824 a confederação do Equador. O tempo que medeiou entre o fim da lucta pela Independencia e o momento em que a marinha de guerra teve de intervir para auxiliar a pacificação das provincias do norte, rebelladas, foi naturalmente empregado em algumas viagens ao longo das nossas costas, o que desenvolvia o preparo nautico dos officiaes e produzia o dos que, novos, ainda o não possuíam.

Simplicissimos como eram e como já deixámos provado, os mistéres de official da armada, fácil era attingir-se a necessaria competencia, e assim muitos fôram os que nesses cruzeiros começaram a ganhar renome como navegadores e manobristas.

O papel representado pela nascente marinha de guerra na pacificação das provincias que constituíam a confederação do Equador, foi ainda sem grande importancia sob o ponto de vista militar, de sorte que, como já se déra na guerra da Independencia, mal se pôde aquilatar do poder da nossa esquadra e da proficiencia e valor dos nossos marinheiros, na guerra.

Subjugada a rebeldia nas diversas provincias, continuava a instrucção aos nossos officiaes a ser fornecida pela Academia dos Guardas-Marinha, e a pratica a ser adquirida nas viagens que, em geral, mais por necessidade do governo, do que propositadamente para exercicio, continuavam a ser feitas, faças como eram, não dispendiosas e ainda não arrefecidos o enthusiasmo e o amor pela instituição recentemente creada.

O marquez do Maranhão, lord Cochrane, vergonhosamente para si e em parte por culpa do governo imperial, abandonára o serviço do Brazil; ficavam-nos, porém, Taylor, que a propria patria chegou a nos disputar, Greenfell, Norton e velhos officiaes portuguezes e brazileiros, mariuheiros habeis e consumados em geral e que, sem grandes desvantagens, parecia supprirem a falta por aquelle deixada. E os officiaes mais jovens, alguns dos quaes conquistando já o nome de navegadores, iam, em breve, sob seus commandos, ter ensejo de patentear, na campanha cisplatina, quanto valiam na guerra.

TONELERO.

(Continúa).

SCIENCIA E INDUSTRIA

A scopolamina succedaneo do chloroformio. — Seu emprego nos hospitaes de Pariz, sem accidentes do chloroformio.

Ensaia-se, actualmente, nos hospitaes de Pariz, esse anesthesico, que é um alcaloide extraído da scopolia ou belladona do Japão, sob a fórmula de pequenos crystaes prismaticos, fusi-veis a 59°, soluvel n'agua, sobretudo no alcool e no ether. O seu emprego se limitava a um calmante, como as preparações da jusquiana e outras plantas da familia das solanaceas.

A scopolamina fôra utilizada como anesthesico desde 1900; em 1904, em consequencia de estudos feitos na Alemanha, começou a substituir o chloroformio em algumas operações chirurgicas. Alguns cirurgiões fazem duas primeiras injeções com a scopolamina e administram depois o chloroformio. Associam-lhe tambem a morphina.

Esse anesthesico evita os accidentes do chloroformio, da cocaína e seus succedaneos. O despertar do paciente é igual ao do somno physiologico; não se lembra da operação e nada soffre na parte operada.

* * *

Os resultados das experiencias do dr. Marie com a applicação da agua do mar em certas molestias mentaes.

Noticiamos nesta secção o emprego da agua do mar como medicamento em injeções subcutaneas.

O dr. Marie acaba de communicar á Sociedade de Biologia os resultados das experiencias feitas com o dr. Quinton, com a applicação daquelle serum em certas molestias mentaes.

O eminente alienista reconhece que, nesse assumpto, é indispensavel ser reservado e evitar as generalisações precipitadas; entretanto, accrescenta que o emprego do serum isotónico marinho, no tratamento da loucura, produz melhores resultados do que outros serums artificiaes.

E' applicavel a todas as affeções mentaes, menos nos casos de delirios systematicos. Não será um methodo de cura exclusivo, mas associadô a todos os medicamentos recommendados pelos symptomas, sendo elle um estimulante geral de todas as funcções e um excitante do systema nervoso em particular; desembaraçando o organismo de suas toxinas e secreções eliminatorias, deve dar melhor vitalidade aos neuromas, com a condição de não estar a cellula nervosa destruida pelo processo morbido anterior.

As injeções hypodermicas fôram praticadas de cinco em cinco dias, em doses progressivas de 30 centímetros

cubicos, ao principio, até 100 por injeção. Fôram doze os doentes submettidos a essa medicação: trez paralyticos geraes com accidentes epileptiformes, trez dementes com escaras dorsaes, trez dementes precoces, todos methodicamente observados. Registrou-se o estado de suas varias funcções — respiração, circulação, temperatura, antes, durante e depois do tratamento, assim como os caracteres chimicos de suas eliminações. Os epilepticos fôram diversamente influenciados pela medicação.

Os resultados obtidos não passam, realmente, de um inicio de informação sobre a acção do serum nas molestias nervosas e mentaes, mas permitem novas applicações dessa therapeutica no dominio especial da loucura e são muito animadores no que concerne aos accidentes convulsivos epileptoides e cataleptoides dos alienados, nevroticos, paralyticos e dementes precoces.

O seu estado geral mellhora consideravelmente, como se prova com a progressão geral do pezo dos doentes tratados e a cura das escaras de prognostico ordinario muito lamentavel.

* *

Esqueleto do bontosaurio reconstruido num museu de Nova-York.

Acaba de ser montado no Museu de historia natural de New-York o esqueleto do bontosaurio, que mede vinte metros de comprimento e quatro metros e meio de altura.

Esse esqueleto foi, cerca de sete annos, descoberto no Wyoming Central, nos Estados Unidos da America. Fôram necessarios trez annos para reconstitui-lo. E' um fossil completo da epocha dos grandes saurios. As partes, que faltavam, fôram restauradas com arte maravilhosa.

MAZEPPA, GIAUR, PARISINA

POEMETOS DE LORD BYRON, VERTIDOS PARA VERSOS PORTUGUEZES PELO BARÃO DE PARANAPIACABA.

II

Mas que quer o pensamento contemporaneo?

Régeita a herança do passado? Teir alguma idéa, ou concepção nova para substitui-la? Proscreeve os que o precederam?

Seria uma tarefa ardua e longa analysar esse assumpto e não n'o podemos fazer no momento, em que escrevemos e no qual nos devemos circum-screver a ligeiras e rápidas indicações por isso, apenas citaremos um trecho do auctor da *L'Evolution actuelle à la litterature contemporaine*.

Depois de apreciar todas as evoluções litterarias operadas até o seculo que findou, o auctor, examinando escolas, idéas, concepções e aspirações, verificou que todas estavam mortas, e diz: *L'histoire litteraire de notre siècle peut se partager en deux periodes—entre les écrivains romantiques et les écrivains realistes. Quant à la phase nouvelle dans laquelle il semble que nous entrions, ce qui jusqu'an present la caractérise, c'est la manque d'unité, de discipline, l'anarchie intellectuelle et morale.*

....

Que notre litterature actuelle ne trouve pas une enseigne, et ce qu'on appelle en politique une plate-forme, il n'ya pas lieu de s'en étonner. Le romantisme et le naturalisme ont exprimé tour à tour les deux tendances fondamentales du génie humain... Il n'apparaît aucune forme capable de rallier les esprits.

Le romantisme et le naturalisme sont morts...

Quelle est donc la tâche à laquelle paraissent appellées les generations nouvelles, sinon à reconcilier l'un avec l'autre? L'ideal et le réel doivent se penetrer mutuellement sous peine d'aboutir, le réel, si il expulse l'ideal, à la negation même de l'art: et l'ideal, s'il expulse le réel, a je ne sais quelles aberrations, où ne retrouverait plus aucune vérité humaine.»

Eis ahí a verdadeira e exacta situação do pensamento contemporaneo, que fluctúa; que não achou ainda uma senda por onde marchar, illuminada por novas idéas. Ora, sendo tal a realidade, como pretender pôr á margem a litteratura de Byron, de Chateaubriand ou Lamartine, de Eschylo, ou Dante, de Virgilio ou Victor Hugo; de Leopardi ou de Schiller?

Ha, sem duvida, nos que nos precederam, escriptores mediocres, poetas nullos, naturezas limitadissimas, ta-canhas, estereis, absolutamente inuteis. Ellas não fornecem materia á observação, á critica, ao estudo. São como as folhas das arvores que não dão fructos; devem ser lançadas ao fogo, segundo manda o evangelista. Em verdade, são, ainda, quaes pequenos poços d'agua estagnada, sem o impeto revolvedor das torrentes. Ha, também, outros poetas, escriptores, ou artistas, naturezas potentissimas e fecundissimas, pujantes e inexhaustíveis. São os immensos oceanos do pensamento. São as profundissimas crateras, donde surgem lavas de idéas. São as altissimas e intangiveis regiões da phantasia, o mundo ignoto, onde se manifestam os multiplos e infindos phenomenos do sentir e pensar, do viver e amar... Byron é um desses oceanos, vastos e profundos, insondáveis e inexgotáveis, tenebrosos e irradiantes, aos quaes se applicam as

exclamações do vate de Sulmona: *te deerant quoque littora ponto!*

Natureza complexa, incrível mixto de contradicções, Byron é uma sphynge mais funesta do que aquella que a mythologia imaginou na estrada temida e perigosa da antiga Delphos.

Não comprehendemos estudal-o sob qualquer dos aspectos conhecidos. Não ouzamos refazer os juizos, geralmente proferidos em bem e mal e, desde longo tempo, vulgarizados. Nelles se pôdem colher, á farta, indícios para fazerem-se investigações de severa critica, de observações moraes e physio-psychologicas.

Certamente, nem o homem nem o poeta, ainda não fôram cabalmente estudados. Cada critico, impavido, pretende tel-o feito; apenas levantá a ponta do véo, que encobre o mysterioso sanctuario. Todos, por assim dizer, o téem examinado sob certas relações ligeiras no tocante ao movimento litterario da moda do tempo, em que surgiam, aos clarões da publicidade, os variados poemetos, que o nome lhe glorificam. Muitas coisas, porém, restam a apurar, e cuja explicação só poderá dar o estudo scientifico e pratico do *Ente humano* — este eterno *devenir*, na phrase enigmatica do philosopho Hegel. Esse *devenir* nada menos é que o contínuo escocamento de todas as coisas, a mudança das circumstancias, a variedade e incongruencia da vontade dos individuos pensantes; enfim, as dolorosas cogitações da intelligencia. Todos esses phenomenos surgem e passam rapidos, quaes volições, sensações; quaes as nossas idéas. Ora, sómente pela historia, é que se lhes poderá verificar a passagem, ou a existencia. É a historia dum poeta, como lord Byron, contém o modo de viver e sentir dos homens, que, com elle, atravessaram as evoluções sociaes do seu tempo.

A proposito da historia de Byron, compraz-me o recordar aos leitores a seguinte passagem, digna de attenção:

«Um joven de 22 annos publicou um volume intitulado *Peregrinação de Child Harold*.

Chamava-se Byron. Por occasião do seu nascimento, as fadas haviam-no colinado de raros dons; porém, uma fada de má indole, que não fôra convidada para as festas do baptisado, ajuntára a cada um dom tremenda maldição. Elle era lord, mas pobre; era bello, porém estropeado. Si as mulheres lhe admiravam a formosa fronte de marmore, sobre a qual adejavam, volteando, os louros cabellos, outros lhe escarneciam dos pés aleijados. O seu nome era illustre, mas deturpado por manchas deshonorosas. Os Byrons eram conhecidos na historia local pelos desvarios selvagens e pai-

xões brutaes, que os precipitaram em crimes. A embriaguez e as orgias mataram o pae de Byron. Sua mãe, caracter altaneiro e inflexivel, teimava em quebrar, pela violencia, a violencia do filho. A mãe nunca, jámais, cedia; o filho nem siquer se dobrava. O diamante gasta o diamante; os dois — nem isso; eram duma substancia mais dnra.

Essa lucta continúa através de estu-pendas privações, orgulhosamente suportadas até o momento em que a morte dum parente trouxe a Noel Byron, com um titulo, certa fortuna onerada, castellos esboroados, quasi em ruinas, vastos dominios inalienaveis, sujeitos a hypothecas. Na escola de Harrow, observou-se o estranho e má temperamento do mancebo, seus accessos de indolencia e de paixão, o gosto tenaz pela soidão, o furor nos odios e nas amidades, o affêro aos exercicios corporaes, que os inglezes amam á maneira dos antigos gregos, exercicios em que Byron, a despeito do aleijão, queria brilhar. Apenas saído da Universidade, publicou um volume de versos sob este titulo — *Horas de lazêres*. Eram reminiscencias de collegio, de envolta com os primeiros langores amorosos da adolescencia. Aquí e acolá, uma fanfarronada juvenil prenunciava o futuro Titan. Via-se que o todo tinha sido metrificado, imitando Pope e temendo a Johnson — dois sentimentos que eram applicados á educação dos jovens inglezes.

A *Revista de Edinburgo*, que havia estréado, começava assignalar-se por suas tendencias puritanas e democraticas. Ella se mostraria indulgente para com qualquer principiante, mas entendeu que não devia ser benevola com um lord; não teve misericordia, nem caridade: foi implacavel.

O livrinho foi duramente julgado, severamente condemnado e brutalmente executado.

Byron sentiu um daquelles furores, dos quaes tinha hereditario privilegio. Publicou, em resposta, a virulentiíssima apostrophe — *Os bardos inglezes e os criticos escocezes*.

Vergastava e feria, a torto e a direito, cegamente, seus inimigos, ou aqueles que suspeitava taes; esmógava uma geração litteraria, apenas para punir a um só».

O historiador continúa; a nós, porém, nos basta esta miniatura, rude e copiada do vivo.

Nella vemos perfeitamente o que será o homem de pensamento, de sensibilidade e de moral; assim como a que será o artista, o inspirado, a alma vibrante em lucta com as ambições, as coleras, as concurrencias do orgulho legitimo, ou tresloucado. Naquella miniatura historica, truculenta como a contorsão da ferocidade do algoz que executa a victima, quem quizer tirará

o Byron tal qual existiu, como vivem nas pavorosas orgias, devorado, ou alquebrado por paixões, que *fingia sentir*, ostentando devassidão de costumes.

... ..

O poeta ministra azo a ser estudado sob diversas faces, e, em cada uma, encontram-se novos elementos para indispensáveis apreciações criticas, para descreminar as relações de natureza physio-psychica, assim como as afinidades que ligam o auctor ao traductor.

Raros são os criticos verdadeiramente psychologos, como fôram Taine em França e alguns doutos na Alemanha e na Inglaterra, os quaes gozaram reputação de incontestavel competencia. Em França, por exemplo, Villemain dissertou a proposito das obras de lord Byron na velha Sorbonne; succedendo a criticos do seculo XVIII, julgava que a sua missão devia iniciar a mocidade no movimento novo do pensamento do seculo que começava. Espirito brilhante, aligero, o professor tocava em tudo, coloria quadros com graça e elegancia e não aprofundava as analyses: a sua critica era mais eloquente do que philosophica.

Gustavo Planche foi mais esthetico, apurava os assumptos sob pontos de vista differentes. Taine mostrou-se por de mais positivista; inventou a faculdade *maitresse e a influencia do meio*. Renan é propriamente um fulgurante estylista e *dilettante*. Sainte-Beuve, que empunhou, por longo tempo, o sceptro da realza da critica, bem considerado, é um chistoso conversador, cheio de espirituosas anedoctas. Elle proprio diz de si — *j'ai en moi plusieurs sentiments contradictoires et comme des hommes divers, qui se combattent... Je suis curieux et le spectacle des choses humaines m'amuse*. Eis ali um voluptuoso, que professa a critica a seu modo. Aprendemos algumas coisas em suas paginas, mas ficamos ignorando muitas outras.

Philarète Charles, escriptor nervoso, ou J. Janin, fazedor de periodos sonoros, e alguns outros notaveis não nos dizem grandes coisas acerca do auctor de *Child Harold*. Mas o leitor dum livro não será o critico mais competente? Não saberá distinguir o que lhe agrada, ou desagrada, e o joio do trigo?

Emfim, vimos, em nossos dias, varios generos de critica — a da escola moralista; a puramente litteraria com Brunetièrre á frente; a analytica e psychologica, até — uma *novidade nova* — a *Esthopsychologia*, sem falar de outros generos. E', pois, evidente que não ha carencia de medidas para avaliar a estatura das pequenas ou grandiosas individualidades litterarias: processos, theorias de critica, de certo, superabundam. Pois bem: não

será temerario e insustentavel affirmar, alto e bom som, que nenhum critico até hoje estudou *cabalmente* o prodigioso vate inglez.

Não se me dá, a mim, do juizo vulgar, sedição e, ás vezes, frivolo, dos que vozeam: Byron está definitivamente julgado. Ah! esse juizo póde ser acceito por muitos; mas que importa, si anda existem espiritos independentes que o desdenham e não n'o reputam veridico? Os crentes musulmanos não discutem; os revéis pensam que Byron não está completamente estudado, nem criticado para ser definitivamente julgado.

E que poeta genial já foi definitivamente julgado? No proprio seculo XIX, por varias vezes e por differentes escriptores, não fôram interpretados e explicados, sob pontos de vista novos, os poemas de Homero ou de Eschylo, de Dante e de Shakespeare?

Eschylo e Virgilio, por exemplo, desde os tempos medievaes até hoje, téem sido objecto de repetidos estudos e exames. Entretanto, ellés receberam a consagração dos seculos. Eschylo, genio solenne e grandioso, antigo já na antiguidade, (segundo o conceito dum critico moderno) potente evocador de velhas theogonias, cantor inspirado das forças primitivas, das divindades archaicas e dos heróes antigos, teve o poder de lançar nas almas dos povos emoções violentas, de envolta com o terror religioso, ou o patriotismo exaltado. Quantas apreciações differentes suscitaram as creações geniaes, que deslumbraram os gregos e fazem a admiração dos modernos!! Os assumptos de seus poemas são taes que exhibem misturadas a tragedia com a epopéa, repassadas de graça e de ternura, de violencia e de pavor.

Não se tentou, por longo período da humanidade, estudar e penetrar a alma casta e piedosa de Virgilio, murmurando — *sun lacrymae rerum*? Acreditou-se que elle tivéra a intuição do christianismo, (1) vivendo na éra do polytheismo. A theologia da Edade-Média considerava o vate da *Eneida* um inspirador, e por isso Alighieri Dante, que comprehendia o seu tempo, tomou-o por — *duca e maestro* — nas peregrinações do Inferno. Virgilio, desde a antiguidade, bem conhecido e admirado, dá ensejo e serios estudos na posteridade. (2)

Os genios creadores não téem patria; pertencem á humanidade inteira; vivem em todos os seculos; são contemporaneos de todas as gerações que se succedem. Esse, tambem, o privilegio de Byron; por consequente, traduzir, hoje, os seus poemetos, como magistralmente acaba de fazer um dos nossos magnos pontífices da litteratura, não é sómente realisar radiosa e admiravel evocação; pelo contrario,

expõe á contemplação apaixonada dos leitores actuaes um contemporaneo de todas as epochas.

Eis ali o proposito do traductor de *Mazeppa*, *Giaur* e *Parisina*. Dizer como se desempenhou dessa melindrosa e ardua tarefa é, dalguma sorte, difficil, porque o esmerado trabalho dessas trez versões exige uma apreciação escrupulosa, lucida e justa. Em verdade, um traductor, que reproduz com exactidão e emoção a realidade que o poeta viu, tem, de certo, grande merito; pensa, sente e vê da mesma fórma: o genio do auctor infunde-se na alma do traductor. Só dois espiritos, dotados da mesma opulencia mental, da mesma energia de expressão, da mesma abundancia de sensações, produzem a mesma obra. Assim que é difficil aclar os liames, que os prendem (o auctor ao traductor), porque são invisiveis, mysteriosos, como todos os phenomenos psychicos. Esses liames e afinidades revelam-se apenas, mostrando a identificação das duas almas de poetas — do inventor e do reproductor; indicando as causas do sentir e pensar communs: revelam as emoções inopinadas das subitas inspirações do artista, nas quaes o auctor e traductor rivalisam e egualam-se. Justamente entre Byron e o sr. de Parauapiacaba, nota-se essa coincidencia sempre frequente. Onde Byron altêa a vóz e blasphema como reprobos; onde, louco de orgulho, quer, como o Satanaz de Milton, atravessar o espaço, levando tudo de rojo, tambem o traductor apresenta os mesmos effeitos, que suppõem as mesmas causas.

O sr. de Parauapiacaba, talvez sem querer, deixa os leitores curiosos devassar-lhe o intimo do pensamento.

E' notavel o seu talento de traductor. Rarissimos escriptores possuem tal privilegio. Já traduziu o *Focelyn* com a mesma viveza das emoções da alma pudica e religiosa de Lamartine.

Já verteu o livro das *Fabulas*, com a ingenua malicia e graça do velho Lafontaine. Onde Felinto Elysio (outro traductor) causa fadiga e aborrecimento, pelo abuso das periphraes, o senhor barão de Parauapiacaba usa de expressão que conserva a naturalidade, a lucidez das idéas e propriamente o estylo conciso e o dizer chistoso do original. Julga-se que o espirito do fabulista francez fundiu-se no do traductor brasileiro e não achou nenhuma afinidade no do afamado classico portuguez, que só por si, valendo mais que uma academia, era, comtudo, intoleravel versificador. (3)

E' um segredo do privilegiado talento do traductor do *Focelyn*, o ser apto a interpretar e exprimir as emoções de temperamentos diversos, como os de Lamartine, Byron e Lafontaine. Espirito rico de seiva, o traductor

brazileiro possúe a força de espantosa faculdade de assimilação; o seu pensamento e a fôrma do verso adaptam-se, dum modo maravilhoso, ás versões, que tem empreendido com esmero de consumado poeta artista.

Observa-se, nas versões do sr. barão de Paranapicaba, o tom de cada uma harmonisar-se perfeitamente com a natureza do assumpto, por mais diferente que seja. *Parisina*, *Mazeppa*, *Giaur*, a *Marmita*, de Plauto, as *Fabulas*, de Lafontaine, o *Focelyn*, de certo, não se parecem e não são creadas pelo mesmo sopro de inspiração. Essa difficuldade, porém, é vigorosa e brilhantemente superada pelo fecundo e multiplo talento do traductor.

A observação mostra, quanto a *Mazeppa*, *Giaur* e *Parisina*; são personagens, representando actos diversos; cada qual de character singular. Nellas o opulento genio de Byron ostenta as magnificencias de sua inspiração creadora; o traductor vigorosa e galhardamente o acompanha. E' dever da critica assignalar essas bellas variedades, que são verdadeiras e preciosas riquezas do espirito.

Na versão de *Giaur*, por exemplo, não só a metrificacão é grandiosa, mas foi mantido o movimento dramatico, que a situação do personagem desenvolve perante o espectador. Em *Parisina*, a corda já tem outra vibração e a musa brasileira a reprodúz de maneira que toda a melodia, terna e suspirosa, entra-nos pela nossa alma e parece que a respiramos com delicia. A identificação de dois espiritos é um facto psychologico, umas vezes se diço, outras rarissimo, porque depende dum concurso de circumstancias. Ora, para exprimir, com tanta exactidão, o pensamento, as emoções dontrem, é indispensavel sentir, pensar da mesma sorte e possuir igual poder de expressão; duas coisas raras e admiraveis. Si Byron, aqui, tem o estylo brilhante, a côr local vivissima, a melodia pungitiva e deliciosa, como a saudade; allí, emprega versificação energica, violenta, terrivel, como a lufada do bulcão procelloso; por sua vez, o traductor brasileiro rivalisa e apresenta as mesmas qualidades e sabe, qual amestrado e bem inspirado artista, reproduzir o quadro, embeber na têla com o pincel as emoções da sensibilidade, ou os esplendores da phantasia.

As creações do genio de Byron ficam gravadas nos soberbos e marmoreos versos do sr. barão de Paranapicaba.

Releva, tambem, admirar no traductor brasileiro, não só a espontaneidade do talento, que, simultaneamente, reprodúz *Giaur*, *Parisina*, *Mazeppa*, mas a intensidade do sentimento, manifestando-se na florescencia e no colorido calido, nos cambiantes de luz e sombras, nos assomos

de furia, nos enlevos de ternura, na suavidade e unção das phrases, na melodiosa versificação — cinzelada com primorosa arte: sem duvida, é a obra peregrina dum creador e não de méro reproductor.

Quando estas qualidades assignalam a culminancia, com que paira e se libra o vate brasileiro, attentamos noutra especialissima, que, quasi nunca, se nos depara nos escriptores artistas e poetas, isto é, a grandeza d'alma, com que se resigna ao segundo plano, que ao traductor cabe; contenta-se com ser o interprete do pensamento de outrem, quando pela pujança das faculdades creadoras, pela exuberancia do proprio genio, tem, de veras, forças para remontar-se ás espheras da poesia; é acto que comprehendemos e applaudimos; todavia, sentimos que nem todos nós sabemos pratical-o.

EUNAPIO DEIRÓ.

(Continúa)

(1) Hist. des litteratures cont.

(2) Vide o livro de Sainte-Reuve e as innumeradas traducções das obras de Virgilio nas litteraturas dos povos modernos.

(3) Garrett, na introdução do *Parnaso*, fôrma tal juizo a respeito de Felinto Elysió; pelo contrario, Castilho, no prologo da traducção das *Melamorphoses*, diz que nos versos de Felinto pôde despedaçar-se um galção da India.

PAGINAS ESQUECIDAS

Contrariamente ás suas tradições, o Apostolado Positivista tem feito silencio em torno do recente projecto do deputado Souza, de Pernambuco, propondo a mudança da bandeira nacional. E', pois, interessante reproduzir o que elle, em 1893, pregou pela palavra do sr. Miguel Lemos.

A BANDEIRA NACIONAL

Chegamos agóra a outra campanha que tivemos que sustentar para defender a bandeira nacional, que novamente se procurou mudar.

Desta vez, a iniciativa partiu de um deputado, militar, secretario e amigo pessoal do chefe do Estado. Apresentou elle á Camara um projecto de lei, assignado por outros collegas, modificando o pavilhão republicano, de modo a fazer desaparecer delle a calote espherica com a divisa — *Ordem e Progresso*. Era evidente que era este o alvo principalmente visado, por causa de sua origem positivista. Este deputado não o occultou de resto, pois que pretendeu justificar sua proposta dizendo que, visto essa divisa pertencer a uma certa seita religiosa, «respeitavel aliás pela elevação de seus principios», não convinha que figurasse no numero dos emblemas

nacionaes. Confessou, entretanto, que a concepção da actual bandeira era, não só irreprehensivelmente scientifica, mas que ella traduzia ainda o idéal mais nobre a que um povo podia jámais aspirar.

O signal estava dado. Animadas discussões travaram-se, desde logo, sobre o assumpto, e todos os rancores imperialistas, clericales e metaphysicos se desencadearam novamente, e com redobrado ímpeto, contra a bandeira nacional. Os nossos adversarios contavam seguro o triumpho, porquanto as relações intimas que se sabiam existir entre o auctor do projecto e o chefe do Estado faziam suppor que este queria tambem a mudança proposta; muitos diziam, até, que o referido deputado, procedendo assim, obedecia apenas ás ordens do vice-presidente da Republica. O facto é, como esse mesmo deputado o declarou pouco depois em publico, que o sr. Floriano Peixoto era, com effeito, pessoalmente favoravel ao projecto de seu secretario, para o que invocava egualmente a origem positivista da divisa nacional. Porém, esta imprudencia e falta de tino politico da parte do chefe do Estado não deram a victoria aos nossos adversarios, sendo elles obrigados a reconhecer, como vamos ver, que nem sempre basta ser o primeiro magistrado de uma Republica para conseguir o bom exito de projectos capazes de levantar a reprovação dos elementos activos, dos apoios necessarios dessa mesma Republica.

Como era facil de suppor, desde o começo desta nova campanha tomámos a defeza da bandeira nacional. Refutámos, sem custo, todos os sophismas forjados pelos nossos adversarios para justificarem a mudança proposta, e como o auctor da proposição houvesse telegraphado a todos os governadores solicitando-lhes a opinião sobre o seu projecto, dirigiu eu tambem aos mesmos governadores um telegramma annunciando-lhe que, respondendo a uma manifestação popular que acabava de se realizar nesta cidade, o sr. Floriano Peixoto se havia pronunciado a favor da manutenção da actual bandeira. Eu fundava-me numa noticia editorial publicada a este respeito pelo *Diario de Noticias*. Isto, entretanto, não era inteiramente verdade. As palavras attribuidas ao vice-presidente da Republica fôram mal comprehendidas. E para rectificar o sentido de taes palavras, o referido deputado publicou outro telegramma, dirigido tambem aos governadores, affirmando que o chefe do Estado era pessoalmente favoravel á mudança, e pelos mesmos motivos.

A consulta aos governadores dos Estados não produziu um resultado decisivo para a causa de nossos adversarios, porque um certo numero dessas

auctoridades, e das mais conspicuas pelo seu republicanismo, dirigiram-me pelo telegrapho respostas contrarias a qualquer alteração da bandeira actual. Taes fôram os governadores do Amazonas, do Pará, do Ceará, de Pernambuco e do Espirito Santo. O de Santa Catharina tambem telegraphou-nos no mesmo sentido, como ficou consignado na edição franceza desta circular, mas a criminosa cumplicidade dessa auctoridade na actual revolta tira ao seu testemunho todo valor republicano.

Era claro, porém, que reduzidos a nós mesmos, nós não conseguiríamos salvar o emblema legado por Benjamin Constant á sua patria. Felizmente, grande numero de bons republicanos, embóra estranhos á influencia positivista, tomaram a defeza do pavilhão condemnado, julgando pelo menos inopportuna toda mudança a esse respeito. Mas a nota vibrante e decisiva foi dada pelos ex-alumnos de Benjamin Constant, da Escola Superior de Guerra. Esses jovens officiaes publicaram um protesto que repercutiu como um toque de clarim no meio da gritaria e das intrigas de nossos adversarios. Nada pôde demover esses moços (e não se deixaram para isso de empregar ora as ameaças, ora as lisonjas) duma attitude que elles acreditavam lhes ser exigida por um dever inilludível de fidelidade e de veneração para com o Mestre desaparecido. O auctor da proposta tentára, com effeito, novo meio para salvar sua causa. Dirigira-se a todos os commandantes de batalhões e chefes de guarnições consultando-os sobre a substituição projectada. Esperava poder assim oppor o grosso do exercito á elite da mocidade militar e civil. Esta nova inconveniencia, que não pôde aliás ser commettida sem a approvação do chefe do Estado, não teve o resultado esperado. O numero de respostas favoraveis á conservação da bandeira actual foi por tal fórma consideravel e significativo que os nossos adversarios ficaram desnorteados. A partida estava visivelmente perdida para elles, mas nem por isso abandonaram logo o campo. Recorreram a outro processo. O referido deputado propoz então á Camara que a meza dessa corporação se encarregasse, durante as férias parlamentares, de obter de todas as Municipalidades e Assembléas dos Estados do Brazil, sua opinião sobre a mudança da bandeira. Era um ultimo esforço, mas em pura perda. A sessão tocava ao fim, e não tardou em ser encerrada sem que a nova proposta fôsse incluída na ordem do dia. A questão estava definitivamente enterrada. Por outro lado, a maioria da Camara tivéra tempo de reconhecer a inopportuna politica de semelhante mudança.

O assumpto não foi retomado na ultima sessão; não se falou mais nisso, e a bandeira nacional, que parecia vo-

tada a naufragar esta vez sob o pezo de uma poderosa colligação, a cuja frente collocára-se o chefe do Estado, reergueu-se mais forte do que nunca, sustentada por tudo quanto havia de mais puro e de mais dedicado nos arraiaes dos verdadeiros republicanos.

Antes, porém, de travar-se esta grande batalha, um incidente característico em que figurou o bispo desta cidade, serviu, por assim dizer, de preludio ás hostilidades.

Um batalhão da Guarda Nacional teve a infeliz idéa de solicitar desse prelado a benção de sua bandeira. O bispo recusou, declarando ao commandante que não podia abençoar uma bandeira em que se ostentava a divisa de uma «seita». Como este incidente causou certo rumor, julguei dever demonstrar que o sr. bispo laborava em erro qualificando assim essa fórmula, sem deixar, porém, de plenamente reconhecer-lhe o direito que lhe assistia de recusar seu ministerio ecclesiastico sempre que isso pudesse ir de encontro á sua consciencia. Ao mesmo tempo, fiz sobresaír a conducta inconveniente e illegal desse commandante, persistindo em solicitar, a exemplo de muitos outros funcionarios publicos, consagrações religiosas para actos da vida official, num regimen politico fundado sobre a completa separação da Igreja do Estado.

MIGUEL LEMOS,

Director

do Apostolado Positivista do Brazil.

* * *

Um dos mais repetidos argumentos contra o nosso pavilhão é que, segundo a phrase de um velho advogado, elle está de *pernas para o ar*. Eduardo Prado tem um livro em que, além do «desprezo, ou ignorancia da tradição historica», vê «um erro capital de astronomia no plano da bandeira applaudido pelo sr. Teixeira Mendes».

A esse respeito, o dr. Tasso Fragoso, em nome do Apostolado, dirigiu consultas aos professores Cruls, director do nosso Observatorio, e Pereira Reis, da Escola Polytechnica.

DISSE O SR. CRULS

Respondendo á vossa carta em que me pedis manifeste minha opinião acerca da orientação dada á projecção do hemispherio celeste na bandeira nacional, por ter-se affirmado ser ella errada, e havendo mesmo a Sociedade Astronomica de França declarado ser illogica a mesma orientação, apressome em satisfazer o vosso pedido, restringindo-me strictamente aos termos da consulta.

Sou de parecer que não téem fundamento as supraditas criticas.

Com effeito, pela descripção da referida projecção, vê-se que ella representa o aspecto da abobada celeste no

momento em que a constellação do Cruzeiro passa no meridiano, achiando-se, portanto, nesta occasião, simultaneamente o pólo abaixo e a ecliptica acima da mesma constellação; suppor, pois, o norte na parte superior da projecção e o sul na parte inferior, é simplesmente adoptar as convenções usadas para os mappas geographicos. E tanto assim é que a propria Sociedade Astronomica de França o deixou entender quando disse que o dezenhó podia se justificar, pois que se tinha o habito de representar o globo terrestre com o norte acima.

Quanto a querer, na projecção, collocar o pólo sul acima, teria a desvantagem de apresentar o céu em posição inversa áquella em que o vemos, pois que, não sendo, na latitude do Rio de Janeiro, o Cruzeiro uma constellação circumpolar, nunca vemos esta abaixo do pólo, na sua passagem meridiana, e sempre acima.

L. CRULS.

DISSE O SR. REIS

Os habitantes da Terra devem ver o globo terrestre de um mesmo modo: Fôram os habitantes do hemispherio norte, os que, considerando a Terra em primeiro logar, collocaram-na sempre vista com o pólo norte para cima. Esta disposição verifica-se em todas as cartas geographicas que até hoje tenho visto, de qualquer dos hemispherios; mesmo em geral nas plantas topographicas. A carta do Brazil tem sido publicada por diversas vezes pelo governo, sempre com o pólo sul para baixo; e ninguem até hoje levantou censura alguma. As cartas de todas as provincias até 1889, e depois as dos Estados téem sempre seguido esta disposição. Si nas cartas terrestres esta collocação tem sempre sido invariavelmente respeitada, não vejo razão de especie alguma para que em relação ao céu seja ella alterada.

Desde 1881 que professo astronomia na Escola Polytechnica. Todas as vezes que tenho de figurar na pedra a esphera celeste, faço-o sempre collocando o hemispherio norte para cima, declarando ao auditorio que assim procedo, não só porque é uma disposição universalmente acceita, como porque é um signal de homenagem que o hemispherio sul presta ao hemispherio norte, de onde tudo recebe.

Quanto ao parecer da Sociedade Astronomica de França, para mim não merece consideração. Os francezes credores de veneração são os que contribuíram para a fundação da astronomia: nem todos os contemporaneos são sempre mercedores de acatamento.

Si o pólo sul fôsse na bandeira collocado para cima, eu lavraria meu pro-

testo de accordo com o modo de proceder no curso de astronomia da Escola Polytechnica. A logica que deve impor a collocação do pólo sul para cima na bandeira da Republica, deve tambem servir para a carta geographica do Brazil. Entretanto, o sr. Antão de Vasconcellos nunca reclamou para este caso; nem tão pouco a Sociedade Astronomica de França nunca reclamou para as cartas geographicas do hemispherio sul publicadas na França.

Quanto a mim, tudo isto não passa de pura e simples opposição á Republica.

MANOEL PEREIRA REIS.

O advogado Antão de Vasconcellos, acudindo ao appello, em plebiscito, do *Figaro*, foi quem, em 1893, disse que a bandeira estava de pernas para o ar. E, logo, fez, nesse sentido, uma pergunta á Sociedade Astronomica de França, que lhe respondeu:

«*Mr Antão de Vasconcellos, à Rio de Janeiro. — Vous avez parfaitement raison; le drapeau du Brésil, pourtant le croix du sud, au dessous de sa bande equatoriale, est à l'envers pour les habitants du Brésil. Logiquement, les habitants de l'hémisphère austral devraient mettre le sud en haut.*»

159

○ A proposito dessa publicação feita na *Cidade do Rio*, fevereiro de 1893, pelo sr. Vasconcellos, o sr. Miguel Lemos escreveu a seguinte nota:

«Relidos os documentos que precedem, depois de recopiados para serem impressos neste jornal, tivemos curiosidade de ler na revista—*L'Astronomie*—o texto reproduzido pelo sr. A. de Vasconcellos. Uma referencia do parecer do sr. Cruls, em que este attribue ao órgão da Sociedade Astronomica de França, palavras que não se liam no communicado do sr. Vasconcellos, fez-nos suspeitar qualquer alteração. Com effeito, tendo obtido o numero correspondente da mencionada revista, qual não foi o nosso espanto verificando que o adversario da bandeira nacional havia supprimido uma phrase inteira, collocada entre as duas por elle reproduzidas!!

A phrase intermédia supprimida é a seguinte: «*Cependant le dessin peut se justifier, parce qu'on a l'habitude de représenter le globe terrestre avec le nord en haut, la civilisation étant venu de l'hémisphère boréal.*»

E então?... Como qualificar semelhante procedimento?. Bom meio, na verdade, de «confundir os ignorantes»!

Quanto a nós, apenas diremos que, si menos confiados na bôa fé do communicante, honvessemos verificado logo a falsificação do texto da res-

posta dada pela revista da Sociedade Astronomica, teriamos poupado aos srs. Pereira Reis e Cruls o enfado de interporem parecer sobre tal questiunçula, e nos teriamos limitado a restabelecer o texto truncado.

Era quanto bastava para que o publico pudesse formar o seu juizo.»

Tambem reproduzimos o protesto, publicado em setembro de 1892, dos officiaes da Escola Superior de Guerra, a que, na sua *Chronica Politica*, se refere Pojucan.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA

As graves reacções provocadas pelo projecto, em si mesmo mais ridiculo do que odioso, com que levianamente se pretende profanar a memoria do Fundador da Republica Brasileira, mascarando, por uma imitação empirica e servil, a verdadeira filiação historica de nossa nacionalidade, acabam de romper fatalmente com o firme proposito que, de ha muito, haviamos formado, no intuito de manter um silencio systematicamente convencionado em face de todas as veididades oriundas de nossa verbiagem inconsciente, preposta a uma politicagem indecente e corruptora.

Patriotas como os que mais o são, sentindo, entristecidos, as dificuldades de todas as naturezas que se antolham ante o magno problema da reorganisação da Patria, faziamos o possivel por evitar intervenções que pudéssem dar pasto ás reclamações calumniosas e hypocritas de nossos gratuitos des-affectos.

Certos, finalmente, de que a immutabilidade, philosophicamente constata da, da evolução humana, não comporta o capricho e as manhas de nenhuma individualidade, quaesquer que sejam as paixões dominantes, esperavamos, na triste expectativa dos momentos angustiosos, que a marcha irrevogavel dos nossos destinos determinasse uma ordein mais digna e mais adstrita á superioridade moral de nossa raça.

Nessa situação, encontrou-nos o projecto com que hoje se pretendem esmagar as aspirações unanimes das patrias brasileiras, collocando-nos em uma posição equivoca e desgraçadamente ridicula perante o mundo.

Aquelles que comprehendem a significação exacta do que a linguagem humana exprime pelo vocabulo — Dever —; aos que sabem medir a grandeza moral do objecto amado; finalmente, áquelles que conhecem o culto de extremada veneration que dedicamos á memoria de Benjamin Constant, o unico homem de estado brasileiro que soube honrar dignamente a sua patria, a partir do eminente José Bo-

nifacio; a esses, não parecerá estranhavel a nossa attitude perante os conflictos possiveis a que póde dar logar o desvairamento daquelles que desde já responsabilisamos por todas as consequencias deste acto de degradação moral.

Assim, pois, unanimemente solidarios, como em todos os momentos decisivos, certos de que defendemos os altos interesses humanos, repellindo energicamente a extrema ouzadia de paixões desenfreadas, tendo de nosso lado, secundando-nos no cumprimento de nosso dever, a attitude passiva, porém francamente sympathica, da élite da população brasileira, vimos, em linguagem de gente que desconhece e odeia os subterfugios das tricas parlamentares e as subtilidades peculiares aos flexiveis politicões deshonestos, motivar a attitude que a nossa dignidade nos impõe.

Em primeiro lugar, protestamos corajosamente contra o character leviano e altamente criminoso desse projecto, que ameaça esphacelar a Patria, decompondo-a em dois campos rivaes, e quiçá fomentando conflictos materiaes insuperaveis, no momento mesmo que é stricto dever de todo cidadão honesto afastar os mais simples embaraços que possam complicar a nossa situação intellectual e socialmente revolucionaria.

Absolutamente injustificavel, ostensivamente retrogrado e anarchico ao mesmo tempo, esse projecto e seus auctores merecem a repulsa de nossos sentimentos e a suprema condemnação de nossos pensamentos.

Em segundo lugar, o nosso modo de encarar a instituição normal da bandeira de uma nacionalidade não nos permite reconhecer competencia em quem quer arrogar-se o direito de fazer invenções a seu talante.

Assembléa ou chefe de Governo não téem absolutamente attribuições neste sentido. Em cada epocha, a bandeira resume as aspirações triumphantes, e surge naturalmente com a revolução que impoz o ascendente legal dellas. E' por isso que a nossa bandeira só podia ser normalmente instituida, como felizmente o foi, pelo chefe eminente da revolução de 15 de novembro.

Por outro lado, é simplesmente monstruoso arrogarem ao symbolo da Republica o *grande defeito* de conter em sua divisa as aspirações daquillo que a bacharelize desastrada chama de seita. Esse mesmo motivo procederia, aliás, para repellir a propria Republica, pelo facto de tambem ter sido fundada pelo mesmo cidadão que, de ha muito, fazia alarde de seus sentimentos positivistas. Mas se comprehende a natureza hypothetica dessa supposição, que, de nenhum modo, conviria aos membros desse mesmo Congresso que fez a apothose de Benjamin Constant, proclamando-o Fun-

dador da Republica Brasileira e modelo de virtudes aos seus futuros presidentes. Dada a natureza positivista das aspirações do eminente brasileiro, que outra orientação poderia elle dar á politica republicana de nossa Patria? A qualquer homem honesto póde, pois, admirar que o nosso mestre inscrevesse na bandeira que elle nos legou a divisa que de facto correspondia á plenitude de seus sentimentos patrióticos? Ou esperavam que Benjamin Constant tivesse a conducta de qualquer ambicioso vulgar, acceitando a definição de Talleyrand sobre a significação dos vocabulos?

Tudo isso não póde ser reputado coisa seria, e si a parlamentarice de nossos charlatães politicos não nos fôsse bastante conhecida, seria o caso de termos um pouco mais de consideração, visto tratar-se então de um caso constatado de pathologia cerebral.

A bandeira republicana póde, pois, abrigar em sua sombra protectora todos os brasileiros honestos; ella póde, pois, constituir-se o centro de convergencia de todos os brasileiros que sabem ser dignos, venerando a memoria de seus maiores compatriotas. Ella não póde, sim, abrigar paixões pouco dignas porque synthetisa a grandeza moral de um homem a cujo rasgo de civismo devemos o acontecimento politico que mais honra nossa Patria; ella não póde tambem abrigar aquelles que abusam da falsa e dinheirosa posição que devem ao esforço social e á condescendencia habitual de Benjamin Constant para desrespeitar indignamente a sua memoria.

Agóra, si por uma dessas aberrações moraes a que desgraçadamente a humanidade está sujeita, esse projecto merecer a sanccão legal de todos os nossos poderes constituidos, a bandeira republicana que possuímos, feitura e mimo das filhas do nosso mestre, ficará sendo o estandarte da nossa Escola, e guardal-a-emos religiosamente até que dias mais felizes nos permittam collocal-a sob a guarda de um governo honesto, que tenha em si mesmo o impulso bastante nobre para saber amar a memoria sagrada do Fundador da nossa Republica, não permittindo jámais os insultos que vão se tornando habituaes.

Eis ali ás claras, cumprido o nosso dever, satisfeita a nossa indignação, e esclarecidos os nossos designios.

Capitão Augusto Ximeno de Villeroy, tenente Agostinho Raymundo Gomes de Castro, tenente Gustavo Guabirú, 2º tenente Alarico de Araujo e Silva, 2º tenente Conrado Muller de Campos, 2º tenente Salvador Barbalho Uchôa Cavalcante Filho, 2º tenente João Nepomuceno da Costa, 1º tenente Ticiano Corregio Dæmon, 1º tenente Alfredo Julio de Moraes Carneiro, 1º

tenente Salatiel de Queiroz, 1º tenente Marciano de Oliveira e Avilla, 2º tenente Alberto Peixoto de Azevedo, major Manuel Ferreira Neves Junior, capitão Antonio Fróes de Castro Menezes, alferes Eduino Carpenter, capitão Chrispim Guedes Ferreira, alferes José Fernandes Leite de Castro, 2º tenente Arthur Cezar Moreira de Araujo, 1º tenente Lino Carneiro da Fontoura, 1º tenente Clementino Fernandes Guimarães, capitão Innocencio de Barros Vasconcellos, 2º tenente Melkizedec Lima, 2º tenente João Vespucio de Abreu e Silva, 2º tenente Eugenio Ramos Fillar, 2º tenente Alfredo Vidal, 1º tenente Ozorio de Azambuja Cidade, 1º tenente Mario da Silveira Netto, capitão José da Silva Braga, 2º tenente Fernando Gomes Ferraz, tenente Raymundo Magno da Silva, tenente Aires de Moraes Ancora, alferes Joaquim Candido Cordeiro, capitão Godofredo de Mello Barreto, 1º tenente Victor Eduardo Rozani, capitão José Eulalio de Oliveira, alferes Francisco de Paula Pedro de Alcantara, 2º tenente Silverio Augusto de Azevedo, 1º tenente Francisco Antonio de Arruda Pinto, 2º tenente Antonio Jaci Monteiro, capitão Sebastião Francisco Alves, tenente Innocencio V. Pederneiras, alferes Emilio Braulio de Azevedo Leite, 1º tenente Luiz Ferreira de Mattos, 1º tenente Juvenal Octaviano Muller, 2º tenente Gregorio de Paiva Meira, 1º tenente João Simplicio Alves de Carvalho, 2º tenente E. Vieira Pamplona, tenente Alfredo Eduardo Nogueira, 2º tenente Custodio Cabral de Mello, capitão Honorio Vieira de Aguiar, 2º tenente J. Miguel Ribas, alferes Francisco Antonio de Carvalho.

Escola Superior de Guerra, 16 de setembro de 1892.

REMINISCENCIAS

ELISÉE RECLUS

A morte é sempre cruel no terminar as grandes mentalidades, quer tenteiando todas as maneiras de destruil-as aos poucos, quer no apagal-as de repente. O desaparecimento das naturezas privilegiadas representa duplo tributo pago á contingencia da materia: a dôr commum e a anciedade de saber quantas evoluções mysteriosas serão precisas no seio do Insondavel para formar-se nova organização que compense a perda da primeira.

Não ha a estranhar, após taes reflexões, o nome de Elisée Reclus, por quem a enorme familia humana está

de lucto. Os entes como Reclus são de todas as casas, de todos os corações.

Demais, Reclus foi hospede do Brazil. Pagou-lhe a hospitalidade escrevendo sobre a geographia patria paginas do mais alto preço. Aqui chegou modestamente, relacionou-se com o escól, investigando, estudando, desenlaçando duvidas com a probidade, a modestia de verdadeiro sabedor; que é só de ineptos o orgulho e a intolerancia. Engenhou um plano de operações scientificas com auxilio de quantos amam o Brazil, julgando-se sempre enganadiço, quando era o que de todos mais sabia.

Dias e dias, passou assim, nesta faina, na fazenda do *Brejão*, residencia de Eduardo Prado, o auctor-prophético da *Illusão Americana*. Algumas horas de proveitoso convívio passou tambem com o visconde de Taunay, a quem se refere na parte relativa ao Brazil da sua colossal e estupenda obra a *Nova Geographia Universal*.

Taunay encontrou-se com Reclus no hotel da *Villa Moreau*, quasi na raiz da serra da Tijuca, hotel alcandorado num morro pittoresco, suspenso entre verduras com a estreiteza de um ninho de aguia no rochedo. Ninho de aguia, foi durante algum tempo a *Villa Moreau*, emquanto lá esteve Reclus. E se as casas conservam o espirito dos que as habitaram, a *Villa Moreau* deve guardar na formosura edénica da natureza brasileira alguma coisa do *quid* espiritual de Elisée Reclus, de Luiz Conty, que lá morou e morreu.

Reclus pouco se demorava no hotel, sempre desejoso de amontoar dados para o conseguimento de sua grandiosa obra, no sopé da qual o *exegi monumentum* de Horacio parece amesquinhado. Quando, porém, Reclus ficava no hotel para as refeições, os hospedes presenciavam o estranho e pouco commum espectáculo de um homem a ter livros sobre a mesa e a rabiscar notas em cadernos no curso do repasto. Emquanto Reclus conversava com os interlocutores, mal comia. Se alguma coisa o impressionasse, bem depressa o lapis corria sobre o papel a semear notas e noticulas, grãos de areia para a grandeza de futuros aliterces. Era excellente escriptor, mas um pessimo conviva.

A conversa de Reclus mostra a sin-

geleza, copia de sciencia, e a nobre curiosidade de saber. Deleitava instruindo, e quando elle, Reclus, terminava, a gente se sentia como que ao peso da irrogação de uma pena. Com aquelle homem, as sopas esfriavam facilmente, tal a attração de sua palestra pittoresca, pinturesca, viva, motejada, intellectual, acalmada apenas pela noite.

As idéas scintillantes, originaes, fervilhavam na conversa do grande poeta Reclus. Assim, elle sustentou um dia, num dos taes almoços, mais decorativos de que comidos, ser bem provavel que o veio ethnographico luso se perca na substancia africana. Mas com que espirito delicado, *prime-sautier*, explanou a these, com que erudição!

Grande poeta — assim chamei eu acima a Elisée Reclus. Sim, um maravilhoso poeta em prosa. Ronsard só admittia na obra divina da poesia «os homens consagrados desde o berço e dedicados a este ministerio». Ronsard poderia acolher Reclus. A geographia, mercê do cerebro de Reclus, tornou-se a historia de penetração da alma da Terra pela alma humana. Transformou-se. Não foi mais arida nomenclatura; tornou-se uma sciencia variada, infinita, cheia de encantos, approximadora dos grupos humanos, que nas paginas de Reclus aprenderam a amar-se e a conhecer-se. A geographia, depois de Reclus, entrou pela poesia sem perder a austeridade scientifica.

E outra virtude da alma de Reclus, além do seu genio e da sua elevação moral, era a gratidão, gratidão que transparece da seguinte carta, referente á morte do visconde de Taunay, e dirigida ao irmão do morto, dr. Sofredo Taunay

Mon cher monsieur.

De graves évènements, la mort d'un frère, des voyages m'ont empêché de recevoir votre lettre aussitôt qu'elle était due, et vous m'avez peut-être accusé d'ingratitude.

Bien à tort, car j'éprouvais une grande affection, une vénération bien sincère pour cet ami qui m'avait si généreusement accueilli sur la terre étrangère et m'en avait si noblement et avec tant de sollicitude expliqué le génie. Maintenant, il me semble que là-bas, dans ce

Brésil si beau, il manque pour nous une lumière.

Je vous remercie très cordialement des paroles aimables que vous ajoutez à la cruelle nouvelle et vous prie d'agréer l'expression de mes sentiments respectueux.

Elisée Reclus.

Estas linhas expressivas de Reclus, na feitura singela, não vêem acaso provar o provado, isto é, que a modestia representa o perfume de todas as qualidades reunidas num grande coração?

ESCRAGNOLLE, DORIA.

O ALMIRANTE (39)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XVIII

A concorrência aos salões da marquezia se restabelecera lentamente, proporção que se apagava a forte impressão do levante de quinze de novembro. Voltaram os tímidos, muito cautelosos de arriscarem os seus interesses frequentando uma casa onde se tramava contra o governo constituido; volveram tambem os indifferentes, que alardeavam serem completamente alheios á politica, coisa feita para os exploradores que nada tinham a perder; reapareceram, muito acanhados, os adhesistas, o maior numero dos que se haviam consolado ás circumstancias e submettido á imperiosa pressão dos factos, abrigando-se todos nas condições pessoas de impotencia para a resistencia, no futuro da familia e na iusania do sacrificio por culpas alheias, erros dos homens que haviam arruinado o Imperio, que não souberam amar quando florescente, nem defender quando chegou a terrível hora do perigo.

O conselheiro, a instigações da mulher, fôra ao marechal Deodoro fazer acto de obdiencia, e não se saíra mal porque elle, o homem do momento, archi-poderoso e bastante nobre para não abusar de sua victoria, lhe promettera reconhecer os meritos dos velhos servidores da Nação. Custou isso ao bom velho uma pungente violencia aos seus habitos de retraimento, ás sua tradições de recato excessivo; mas d. Eugenia lhe ponderára que seria loucura, seria um sacrificio inutil essa dedicação posthuma a uma instituição que só tombára esphacelada, sem amigos, como um defunto sem choro, porque nunca quizeram ouvir os sabios conselhos dos servidores leaes, desinteressados.

O sacrificio foi bem compensado, porque ao ex-veador fôram reconhe-

cidos os direitos adquiridos e pagos os vencimentos do cargo extincto. E elle proclamava, com entranhada convicção, a sua fé no governo democratico, que se radicava no coração do povo por esses e outros actos de inequivoca justiça. Seria uma iniquidade recaírem sobre brasileiros tão distinctos, cidadãos tão eminentes, as consequencias dos erros da dynastia.

O desbragamento de linguagem de Souza e Mello já figurava como nota dissonante nos sarás da marquezia de Uberaba. Elle proclamava por toda a parte, em todas as occasiões, que dalli rebentaria frondoso, pujante de seiva o terceiro reinado, reatando brillantemente a solução de continuidade aberta pela revolução na benemerita carreira da casa de Bragança, eternamente ligada ao coração dos brasileiros e depositaria, por delegação divina, dos destinos do Paiz. E tanto falou que os radicaes consideravam o palacio um ponto sombrio; indicavam-no como um covil de monarchistas ou de cidadãos suspeitos á Republica, suspeita que envolvia tambem Oscar.

O conselheiro procurava, em vão, cohibir as irrupções opposicionistas de Souza e Mello, lembrando-lhe que lhe cabia, como republicano historico, grande responsabilidade na revolução, como sementeiro das idéas, que fôram germinando na sociedade até produzirem aquelle inopinado resultado. Era curiosa, contraditoria, aquella attitude de revolta ante as consequencias fataes de uma evolução a que elle déra impulso. Não procedia a justificação da falta de oportunidade e a inconveniencia do processo: nessas propagandas, ninguem poderia determinar o momento da maturidade das idéas, assim como não se pôde prever o momento em que o fructo cairá desprendido naturalmente do galho, abalado por mãos sollicitas ou sacudido pela furia de um tufão, tanto é verdade que os processos, nessas crises sociaes, surgem do inopinado, do capricho das circumstancias. E o conselheiro demonstrava, com certo calor erudito, que a historia estava cheia desses exemplos da intervenção do cidadão armado, na politica, encorporando-se aos revolucionarios na conquista das idéas do povo ou privando os tyrannos dos meios de reacção. Além disso, não era inspiração do patriotismo perturbar a obra realisada sob tão promettedores auspicios, lançando o Paiz na voragem da contra revolução, que seria mal maior, de consequencias, sob todos os pontos de vista, funestas.

Sergio de Lima, eleito deputado á Constituinte, continuára a frequentar os salões da marquezia, onde attraíra outros amigos e collegas de accentuado destaque na politica. Elle secundava o conselheiro na campanha con-

tra os incessantes e vehementes ataques de Souza e Mello, cujo espirito de opposição systematica se comprazia na lucta com aquelles dois adversarios, superiores pela illustração e pelo talento: o conselheiro, representando as tradições, a experiencia; Sergio, as tendencias modernas, o espirito da democracia, construindo nas ruinas do Imperio as novas instituições, realisando as reformas radicaes que estavam, havia cincoenta annos, na essencia das aspirações nacionaes victoriosas pela revolução.

Como exemplo disso, citava o conselheiro a separação da Igreja do Estado, trabalho herculeo, que resistira aos mais decididos esforços dos mais possantes estadistas do Imperio, realisado por um simples decreto do Governo Provisorio, assim como a instituição do casamento civil, reformas sociaes que, havia pouco tempo, eram calorosamente advogadas por Souza e Mello, nas suas invectivas contra o regimen monarchico pautado pelos velhos moldes, anachronicos, estereis, da Casa de Bragança.

Sergio de Lima, com a palavra florida e quente, que lhe conquistára já um logar de honra entre os oradores parlamentares, trazia, frequentemente, á discussão essas e outras reformas, como prova evidente da maneira por que o primeiro governo da Republica interpretava, fielmente, os sentimentos da Nação e ia ao encontro das suas aspirações, conciliando o passado com o presente, evitando os choques e aplainando o terreno para o complemento das conquistas da sciencia e da civilisação. Essas reformas eram phantasmas que o Imperador nunca ousára defrontar, com receio de que ellas despertassem a reacção do espirito sectario e lhe abalasses os fundamentos do throno.

Souza e Mello não se rendia; appellava para o futuro e vaticinava coisas horriveis, no momento do despertar do povo do estupor provocado pelo levante militar, quando a pleiade de poder desvairasse a cabeça desses estadistas occasionaes, improvisados, e restituísse ao povo o sentimento exacto da situação a que fóra de surpresa arrojado. No estado normal — affirmava elle — o povo brasileiro jámais acceitaria essas reformas, que lhe ferem profundamente as crenças e as tradições, derrocam os altares e destróem as bases essenciaes da familia, da sociedade. Todos esses actos temerarios, imprudentes despertarão infallivel reacção quando o povo fór restaurado á posse de si mesmo.

—Mas o senhor, meu caro mestre—ponderava-lhe Sergio—no tempo da monarchia, pugnava pela separação da Igreja do Estado, pelo casamento civil, pela graude naturalisação, pela secularisação dos cemiterios, por todas

essas reformas que, então, eram indispenzaveis e, agóra, constituem uma calamidade social.

—E' que, naquelle tempo,—respondia o advogado—eu era arrebatado por uma corrente de idéas dependentes da sancção nacional manifestada pelo poder legalmente constituido. Agóra, o caso é muito differente: um governo de occasião, improvisado, não tem delegação legitima para resolver esses problemas, que deveriam ser tratados pelo poder legislativo quando a Nação fósse chamada a se manifestar sobre a revolução.

—Os resultados seriam os mesmos, porque—replicava Sergio de Lima— a Nação acceitou francamente essas reformas. Além disso, meu caro mestre, o processo não é novo: o fundador do Imperio prescindiu da opinião nacional para nos outorgar a Constituição.

—Diz muito bem—aparteava o conselheiro—A Constituição que nos regeu durante mais de sessenta annos, não foi obra do povo pelo seu parlamento.

Essas discussões descaubavam para o divorcio. Nesse ponto, porém, o conselheiro se retraía, julgando que a lei do Governo Provisorio era sufficiente por enquanto. Demais, elle achava que o terreno era algo escabroso para ser tratado no seio da familia e por senhoras que eram, aliás, as mais interessadas, como mães de familia, naquelle transcendente assumpto.

Dolores era partidaria do divorcio completo, partidaria imparcial porque, completamente feliz e habituada ao suave jugo do vinculo indissolúvel, ella jámais recorreria á separação definitiva. Mas conhecia grande numero de infelizes, acorrentadas ao grilhão nefasto, como companheiras de galé dos maridos infames, criminosos. Não era justo soffrerem as innocentes as consequencias de crime alheio.

D. Eugenia pugnava pela indissolubibilidade. Seria melhor, mais vantajoso para a familia, manter o casamento como estava, do que abrir a porta á incontinência das alianças levianas contraídas sem criterio, sem consciencia, na esperança de poder ser quebrada quando viessem a saciedade, e o aborrecimento. Demais, uma sociedade de divorciados seria immoral, indecente, uma torpeza que os nossos costumes innocentes não comportariam.

Sergio de Lima, para quem ellas appellavam, como legislador, tendia para as idéas conservadoras. A sua educação catholica lhe impressionava ainda fortemente o espirito, e elle receiava que o remedio reclamado para o pequeno numero de naufragos do casamento, redundasse em grave lezão aos sentimentos e interesses da grande maioria da Nação.

Essas discussões se estendiam, ás vezes, além dos limites das materias que podem ser impunemente tratadas

num salão; mas, apezar dos esforços do conselheiro para contraíl-as ao terreno innocuo de uma ligeira troca de idéas, era o assumpto de preferencia. Em vão, elle recommendava á esposa se abstivesse dellas; d. Eugenia, cujo espirito combativo se desamordaçára depois de serem reconhecidos pelo Governo Provisorio os direitos adquiridos do marido, não se podia conter, considerando um indeclinavel dever de mãe de familia, combater o divorcio em todos os terrenos.

Affluíam tambem ás recepções da marquezia jornalistas, homens de letras, os velhos personagens de nota, amigos do marquez e os novos que, como Sergio de Lima e seus collegas, perfaziam um brilhante contraste naquella roda de primor que relembrava a Souza e Mello a comparação com o palacio Rambouillet, um luminoso fóco espiritual, irradiando no meio da obscuridade da demagogia, servida por mediocridades, por incapazes, a vaza que a agitação trouxera á tona.

Essas reuniões eram a mais querida distracção da marquezia, que parecia reviver, readquirir as forças, assistindo ás discussões, aos choques de idéas, como uma torrente que por alli passasse, denunciando uma actividade energica, intensa, muito propicia á idéa fixa sempre accessa no seu cerebro. Ella comprehendia que o isolamento seria a morte de suas aspirações, seria a renuncia á função de que se julgava investida, a obra de reivindicacção que seria a sua gloria suprema.

Nessa noite, a familia do conselheiro chegára mais tarde, porque o emiunente homem faltára á sua hora exacta de jantar, retardado por affazeres supervenientes, como ficou dito no primeiro capitulo desta narrativa.

Notaram todos que o conselheiro estava meos expansivo, e d. Eugenia condescendera com a recommendação de se abster da politica. Elle estava, com effeito, preocupado com a grave questão proposta pelo Instituto Historico—determinar o sitio exacto da execução de Tiradentes, e tinha, como elle disséra, dentro do cerebro, o protomartyr da Republica e a forca.

(Continúa);

RECEBEMOS

— *Documentos* para a historia da conquista e colonisação da costa de léste—oéste do Brazil; edição da Bibliotheca Nacional.

— *Catalogo* dos Retratos, colligidos por Diogo Barbosa Machado, tomo VIII; edição da Bibliotheca Nacional.

— *Relatorio* que ao dr. J. J. Seabra, ministro da Justiça e negocios Interiores, apresentou em 15 de fevereiro de 1904, o director da Bibliotheca Nacional, dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.

O trabalho typographico dessas tres brochuras, que nos enviou o illustre funcionario, é irreprehensivel e foi feito nas officinas da Bibliotheca.

LADAINHA DO ODIO E DO AMOR

I

O' tu que fulguraste em minha desventura
Como um raio de luar por uma noite escura,

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

O' tu que a morte lenta e a agonia sem fim
Do Ciúme e do Amor eternisaste em mim,

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

O' sêr espiritual ! Estranha Seraphita,
Infinita no Amor, e na Dôr infinita !

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

O' filha da Volupia, ó rubra encarnação
Do Desejo, do Gozo, e da Procreação !

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Pelo bem da illusão, pelos sonhos sem termo
Que lançaste em meu peito amortecido e enfermo,

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Pelo mal do ciúme, e pelo eterno mal
Com que se me afigura a belleza immortal,

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Pelas horas de suave e serena alegria
Que a sorrir derramaste em minh'alma sombria,

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Pelas noites de insomnia e pelo que soffri
Crendo que o amor idéal se perpetuava em ti,

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Olliando o teu olhar, sorrindo ao teu sorriso,
Foi-me todo o teu rosto a visão dum paraizo !

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Amando o teu delirio e a tua carne em flôr,
Julguei-te a encarnação da Volupia e do Amor !

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Muita vez pude ver, em suave, em vago sonho,
Na tristeza do occaso o teu labio risonho !...

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Quando a noite descia e enfumaçava o ar,
Era em teus braços doce enlouquecer e amar !

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Ajoelhado a teus pés, tempo houve em que eu dizia,
Todo chiméra, todo alma, e todo poesia :

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Hoje — máu, e aspirando á terra, á cinza, ao pó ! —
Direi eternamente, eternamente só :

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

II

Prece

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !
Pela recordação do nosso grande amor
E por esta subtil saudade indefinida !

Mas por tua traição, minha odiada e querida,
Pelo meu tédio immenso e desesperador,
Maldita sejas tu por toda a minha vida !

OCTAVIO AUGUSTO.

ESTRELLA POENTE

Amada minha, vês, além, sobre a montanha,
Essa estrella que váe baixando lentamente ?
Como uma abelha d'oiro, ella pouza, tremente,
Sobre o pincaro escuro — alta, soberba, estranha.

O espaço inda uma vez de claridade banha,
— Relampago ~~de~~ vino — e logo, de repente,
Hesita, bruxoleia e afunda-se no poente...
Uma saudade immensa e subita a acompanha.

Vês, Annada ? Apagou-se a estrella mysteriosa,
Como anjo que tombou, perdido o deslumbrante
Paraizo de amor ; como flôr luminosa

Que se desfolha ; como o Adeus de uma alma errante ;
Como o profundo olhar de uma amante amorosa,
Que ao morrer nos fitou no derradeiro instante !

LEOPOLDO BRIGIDO.

REGRESSO

Bato, e ninguem responde. Entro, e tudo é deserto.
Arrisco um passo ; escuto : erra na noite um echo.
Mesmo tendo a impressão severa de que pecco
Timidamente arrisco um outro passo incerto.

De uma mortal pressão de dôr não me liberto
Clamo, e tudo é mudez. Penso no céu ; impreco ;
Transido, a minha vida a Jesus hypotheco,
E abato-me, e entre as mãos a fronte em febre aperto.

Ergo e escuto ainda : a mesma paz sombria,
A mesma escuridão extranhissima e infinda,
E fechada, e fatal, funesta, fusca e fria.

Allucinado, avanço, e tropeço, e duvido,
E quero achal-a, e chamo, e grito, e escuto ainda,
E sigo, e esbarro, e sangro, e arfo, e tombo, inanido...

HEITOR LIMA.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o curioso estudo sobre a questão de psychologia profissional, estudada á luz da moral, do interesse social e individual, desenvolvida, com extraordinaria precisão, pelo dr. Regnault num artigo da *Revue*, de Pariz.

ASSASSINATO MEDICO OU SUPREMA CARIDADE?

Póde-se e deve-se apressar a morte dos incuráveis? Tal é questão suscitada, de maneira imprevista, em todos os paizes e discutida na costa occidental do Atlantico.

O problema não é novo e parece resolvido pela affirmativa desde as origens da humanidade, quando o homem primitivo, tendo contra si os elementos e as feras e, luctando penosamente pela vida, não se guiava por uma moral utilitaria; na impossibilidade de proteger um ser incommodo, inutil, nem de alimental-o, o melhor expediente era libertal-o dos soffrimentos, apressando-lhe a morte. Quando as familias e as tribus disputavam a subsistencia em sangrentos combates, era um dever dos vencidos a eliminação dos companheiros feridos, incapazes de fugir para poupar-lhes as torturas de um inimigo cruel. Essas praticas chegaram aos nossos dias sob fórmulas diversas. Ainda no seculo XIX, era uso, entre povos antropophagos, sacrificar os meninos enfermos, os velhos impotentes, para servirem de repasto em festins muito apreciados. Os velhos paes, sacrificados pelos filhos, achavam isso muito natural e pensavam que não poderia haver para elles mais honrosa sepultura do que o estomago dos seus descendentes.

Na India antiga, os incuráveis eram conduzidos pelos parentes ás margens do Gauges, onde depois de asphyxial-os enchendo-lhes de vasa as ventas e a bocca, lançavam-nos ao rio sagrado.

Entre os hebreus, a supressão dos doentes parece ter sido algumas vezes empregado como processo de prophylaxia e de desinfeção radical. O hygienista theocratico se contentava com impor quarentenas vexatorias aos leprosos; mas, em outros casos, massacrava os doentes ou os suspeitos, como succedeu em Sittim, ás meretrizes madianitas e a seus amantes.

Em Sparta, as creanças passavam, ao nascer, por uma verdadeira selecção; os enfezados, rachiticos e mal conformados eram inexoravelmente sacrificados. Não tomando a cidade o encargo de conservar nem os enfermos, nem os monstros, era prospera, e a raça humana melhorava do ponto de vista plastico.

Idéas de piedade, de egualdade, de caridade, propagadas com as doutrinas religiosas, modificaram e trans-

formaram o espirito egoista das sociedades primitivas. O homem procurava, antigamente, por todos os meios, o maximo de felicidade e o minimo de trabalhos durante a vida; transformado pela religião, elle procura obter, pelas privações e actos de caridade durante a vida, uma grande ventura em existencias posteriores, ou mesmo a felicidade absoluta e eterna depois da morte; por uma privação pouco penosa, a divindade lhe daria uma felicidade muito superior: realisava, assim, uma transacção a longo prazo, que julgava muito vantajosa e assim agia por egoismo.

Essas idéas de piedade, de caridade fôram pregadas por Cakya-Muni, cinco seculos antes da nossa éra, e propagadas pelos missionarios budhistas. Dois e meio seculos antes da éra christã, o rei Pyadasi creava hospitaes e organisava, nos seus Estados, assistencia publica. O christianismo, muito mais tarde, propagou essas mesmas idéas mais ou menos modificadas. Em certos casos, porém, na idade média, a sociedade christã tinha o habito de supprimir os doentes de raiva, os hystericos, considerados possessos.

Pouco a pouco, piedade e caridade se transformaram, em França, num verdadeiro sentimentalismo; ha muito que se não supprimem os monstros e os incuráveis, recolhidos e conservados, empregando esforços para lhes prolongar o mais possivel a inutil vida de soffrimentos; chegou-se mais longe: á fundação de hospitaes para animaes.

Esse estado de espirito se accentuou progressivamente nos ultimos tempos; fazemos pela raça humana, precisamente o contrario do que fazemos para melhorarmos certas raças de animaes, em particular a bovina e cavallar. Os estabulos são verdadeiros palacios, nos quaes estão cercados demeticulosos cuidados soberbos especimens, que prudentemente seleccionamos para a conservação e melhoramento da successão, garanthões destinados ás eguas de raça e não a rossinantes. Considerariamos louco um creador que sobrecarregasse seus poltros e eguas para permittirem que alguns sendeiros repouzassem, para não produzirem máus filhos.

Mas o raciocínio muda completamente quando se trata da especie humana; construímos hospitaes e asylos, com enormes despezas, para os rachiticos e doentes, ou para prolongarmos, o mais possivel, a vida de miséria e dôr dos incuráveis. Luctamos contra essa lei natural da selecção, que tende, para beneficiar, á supressão dos seres rachiticos; conservamos a vida dos defeituosos que estão a cargo da sociedade e, muita vez, legarão as suas taras, as suas fraquezas, aos descendentes. O cruzamento delles com os

fortes, abastarda a raça; além disso, o augmento de trabalho imposto aos fortes para manterem e protegerem luxuosamente os incapazes degenerados, lhes custa excesso de actividade, que se reflecte sobre os seus descendentes e os enfraquece ainda mais.

O sentimento de piedade que nos guia parece, actualmente, attingir ao cumulo. E' muito frequente ouvirmos parentes ou amigos de um doente incuravel, immobilizado no soffrimento, declararem: — Para que lhe prolongar o soffrimento, si elle não póde sarar? Quanto mais cedo acabar, melhor será para elle. Com semelhantes dôres — accrescentam depois que elle morre, — no lastimoso estado desse desgraçado, a morte foi um verdadeiro allivio.

Todos desejam para esse doente, intimamente, morte prompta; pensam mesmo que seria melhor apressal-a. Alguns dizem, francamente, isso que outro apenas ouzam pensar; prégam o direito á euthanasia, á morte provocada e attenuada.

— Para que — inquiria um homem do clero — prolongar a agonia de um doente, cuja morte é inevitavel? Para que empregar os recursos da sciencia medica em mantel-o na miséria? Não seria mais humano libertal-o dos soffrimentos? Nós, que não hesitamos em supprimir a vida de um cão, de um cavallo desenganados, deveremos ser menos piedosos em relação a uma creatura humana?

De outro lado, alguns philosophos, particularmente Nietzsche, protestaram, fundados numa moral utilitaria, contra os resultados deploráveis para a raça, obtidos pela sociedade, favorecendo os fracos á custa dos fortes. Na sua opinião, o monstro, o doente incuravel, inutil, prejudicial á familia, á tribu, á sociedade, deveriam ser eliminados, ou, pelo menos, abandonados á sua sorte, caso em que desapareceria depressa em virtude da selecção natural na lucta pela existencia.

E' curioso verificar que levando as suas theorias ao extremo, os partidarios do altruismo, da caridade, da compaixão, cheguem, em parte, á mesma conclusão dos partidarios da moral utilitaria e votem pela eliminação dos incuráveis.

No seu livro *Antecipações*, H. G. Wells nos mostra o mundo como será quando tiver evoluido dentro de alguns seculos, e suppõe que aquella solução será acceita: na sociedade, que ella nos pinta, os monstros serão systematicamente eliminados.

Essa idéa, entretanto, parece pagar-se fóra do mundo dos sonhadores; alguns propõem, apenas, desembaraçar a sociedade dos incapazes, dos incuráveis, com tendencias para o suicídio, facilitando-lhes os meios de auto-eliminação; outros vão mais ade-

ante, examinando os casos em que será conveniente intervir para apressar a morte de um incuravel. Em uma brochura publicada em Londres, e da qual o Boletim de Therapeutica deu o resumo, um alienista inglez observa que os loucos tentam, muitas vezes, suicidar-se, e acrescenta: Uma vez que a natureza provoca os meios de se desembaraçar dos incapazes por essa tendencia para o suicidio, não se deveria impedir que esses desgraçados obedecessem a esse instincto. E deseja, afinal, que a lei não difficulte os meios de obter venenos.

O italiano Nobel teve a idéa, muito mais engenhosa, de erigir em Roma e em Milão estabelecimentos, em que as pessoas avidas do suicidio pudessem encontrar morte suave pela asphyxia de um gaz por elle formulado. Crispi, presidente do conselho naquella occasião, foi favoravel á idéa, mas reputeu-a, na occasião, irrealisavel.

Em outubro de 1903, a assembléa da Associação de médicos do Estado de New-York, discutiu a questão — diante de um doente incuravel, qual é o dever do medico? E se discutiu o direito de apressar a morte do doente incuravel, em diversas casos, como nos de cancro operado, reincidente e generalisado, na tuberculose do terceiro periodo, na fractura da columna vertebral, com paralysisia quasi completa e impotencia funcional dos membros.

No banquete da Associação, o padre Wright falou em favor da euthanasia, da boa morte, da eliminação do individuo pelos meios mais suaves, supressão que, não prevista nem tolerada pelas legislações europeas e americanas, é reclamada por aquella associação como um direito, mesmo como um dever, em condições bem determinadas.

Pouco tempo depois, os legisladores saxões repelliram um projecto de lei auctorisando os medicos a darem morte prompta e suave aos doentes incuraveis que a pedissem.

A questão já suscitou em França diversos artigos, dos quaes resulta que os medicos, dispostos, por humanidade, a usarem daquelle direito, si fôra legal hesitariam em lhe reclamar a applicação excepcional, com receio de terribes abusos. Os americanos previram essa objecção, e o padre que falou a respeito, propoz o exame dos casos em litigio por uma comissão nomeada pelo governador do Estado, composta de quatro medicos, do *maire*, do presidente da hygiene local e dois cidadãos de character immaculado.

II

Guermonprez, no livro — *O assassinato medico e o respeito á vida humana*, fez um longo estudo da questão collocando-se no triplice ponto de vista da

vocação medica, das tradições e da religião, e rejeitou, com indignação, a pratica da euthanasia, que elle considera o assassinato medico. Baseando-se no preceito — *non occides*, imperiosamente absoluto para elle, conclúe que ninguem tem direito ao suicidio, qualquer que seja a fórma ou circunstancias. Mas o preceito biblico, invocado pelo auctor, nunca foi respeitado pelos hebreus, como se pôde provar com innumerous factos identicos ao massacre dos madianitas; assim como não foi jámais obedecido pelos catholicos e protestantes, como o testemunham as guerras de religião, os supplicios da Inquisição.

Perpetrado—diz o auctor—no principio ou no fim da vida, o homicidio medico é sempre um crime. Esta apreciação assenta nos costumes, não tem base scientifica e não tem razão quando compara a euthanasia ao aborto, porque este elimina um ser que poderia viver, ser util á sociedade e feliz, ao passo que no outro caso suprimem-se seres, cuja vida de soffrimento é um pezo para elles e para a sociedade.

O facto de ter sido a euthanasia adoptada por diversos povos e de volver a questão a ser discutida nos nossos tempos, prova que os costumes evoluem: o que parece crime neste seculo poderá em futuro, mais ou menos remoto, ser uma acção meritoria.

Guermonprez lembrou as maximas: *Medicina abhorret a sanguine; medicina abhorret a veneno*; reconhece que a Igreja renunciou á primeira para permittir o desenvolvimento da cirurgia, mas considera a segunda preceito de todos os tempos, quando, agóra, quasi todos os medicamentos, realmente activos, são venenos.

Cita elle Paul Bert: Contra os fracos, só ha o direito de caridade, e acrescenta que a natureza do medico é feita de compaixão e commiseração, de solicitude incessante, e por isso a sua vocação o colloca nos antipodas do homicidio, não considerando que os que desejam a morte de um incuravel para supprimil-o aos soffrimentos, são inspirados por um sentimento de suprema caridade.

A terceira série de argumentos do auctor é deduzida dos preceitos da religião catholica, que não obriga a todo o mundo. São citações de theologia moral do padre Agostinho Lelusud, sobre os quaes apoia as proposições seguintes: O medico commette falta grave si apressar a morte de um doente desesperado, para livral-o de dôres, si por falsa compaixão lhe obliterar os sentidos de modo que os não possa recobrar e succumba nesse estado.

Collocando-se no ponto de vista mystico de dôr agradavel a Deus, seria concludente prohibir a todos os fieis o recurso á medicina. Certos religiosos coherentes recusam o tratamento

quando estão doentes, porque alliviano as dôres e procurando prolongar a existencia, luctariam contra os desígnios da divina Providencia.

Outros crentes limitavam a determinados casos a intervenção da medicina; alguns recusam chloroformio, que supprime as dôres do parto, porque está escripto que a mulher parirá filhos com dôr.

Guermonprez tira os seus argumentos do valor da auctoridade e não do valor da evidencia, provando, assim, a que extremos absurdos pôde conduzir o espirito systematico e sectario.

III

Em moral, os philosophos podem raciocinar ou desarrazoar de modo diverso e, queiram ou não, chegam todos a paraphrasear em suas conclusões a lei natural que exprime a reciprocidade dos direitos e deveres e constitúe a base da solidariedade essencial á sociedade humana: Façamos a outrem aquillo que desejariamos que elles nos fizessem; lei tão natural que os povos mais antigos evidenciaram pela applicação da pena de talião, o meio mais simples, mais logico, de dar ao culpado a precisa noção do seu crime. Partindo desse principio de moral universal, poder-se-ia examinar o problema da suppressão dos incuraveis e prever o momento em que ella será resolvida no curso da evolução das idéas e dos costumes. Para esse exame, tão complexo, é místico procurar successivamente o ponto de vista do individuo, da sociedade, da raça.

A questão só comprehende os incuraveis; nunca um doente que tenha um vislumbre de esperanza de cura.

Considerando, em primeiro lugar, o caso de um incuravel, examinado fóra das relações com sua familia, com a sociedade, com a raça, elle sabe que é incuravel, ou não sabe; no primeiro caso, varias alternativas se antolham.

Si elle permanece agarrado á vida, apezar dos soffrimentos, si quer viver o mais possivel, o dever do medico é prodigalisar-lhe consolações, alliviar os soffrimentos e prolongar-lhe a vida; si, porém, está farto de viver, pede a morte e pede ao medico um fim suave e rapido; nessa hypothese, se antolham duas categorias de doentes: uma, a mais numerosa, comprehendendo os que podem andar, locomover-se e recorrer ao suicidio; outra, excepcional, comprehendendo aquelles que, por qualquer razão, como paralysisia dos quatro membros, se acham na incapacidade physica de procurar a morte; parece evidente que o medico não deve intervir no doente que se pôde suicidar. Para applicar com precisão o citado principio moral da reciprocidade, ninguem pôde intervir para impedir o suicidio de um incuravel.

Parece estranho aos europeus, mas é lógico e natural o costume chinês que impõe áquelle que arranca o seu semelhante ao suicidio, a obrigação de sustentá-lo, de lhe pagar as dividas.

Quanto aos doentes da segunda categoria, na impossibilidade physica de se suicidarem, a questão se torna mais delicada. Póde-se e deve-se facilitar-lhes os meios de suicidio ou lhes proporcionar, directamente, a seu pedido, morte suave e rapida? A regra da moral não varia; deve-se fazer aos outros aquillo que queremos que elles nos façam. A questão é delicada porque todos os individuos não pensam do mesmo modo acerca daquillo que desejariam se lhes fizesse. Alguns crêem que os males provêm da divindade para a expiação dos peccados, para lhes permittir, pela paciencia, a felicidade eterna; neste caso, seria logico não se alliviar dos males para não diminuir os merecimentos. Outros crêem que podem acalmar as dôres, mas que não têm o direito de dispor da vida, e que o suicidio os exporia á desgraça da condemnação eterna ao inferno. Uns e outros, no estado de saúde, não admittiriam que, si ficassem doentes incuraveis, lhes dêssem meios de supprimir a vida. Isto, porém, não os impedirá de se suicidarem. Outros, desprendidos de toda crença no sobrenatural, desejariam que em tal conjuncção, se lhes proporcionasse o meio de trespassar num somno doce: considerariam suprema caridade o acto do amigo que os libertasse da existencia insupportavel.

Estes se multiplicam na proporção do esmorecimento da crença no sobrenatural, e é provavel que, no correr dos tempos, a euthanasia seja adoptada em certas e determinadas circumstancias.

DOUTOR REGNAULT.

(Continúa)

Seria preciso um grande palacio para conter todos os presentes offerecidos á grã-duquesa Cecilia de Mecklemburgo, por occasião do seu casamento com o kron prinze da Alemanha. Os soberanos e os principes da Europa e Asia quizeram, com effeito, contribuir para a magnificencia da sua *corbeille* de noivado, como se verá da lista que damos dos presentes que mais avultam. Em primeiro logar, o sumptuoso manto de côrte, ornado de pedrarias e as joias historicas dos Hohenzollern, homenagem de Guilherme II á sua nóra; depois, um diadema de maravilhosos diamantes, offerecido por Eduardo VII; um collar de esmeraldas, presente do czar da Russia; do rei da Italia, trez pulseiras de turquezas. O imperador da Austria mandou uma caleche de oito mólas, apparelhada de dois puro-sangue brancos, cujos arreios, de prata, trazem o escudo das armas do imperio; o papa, um quadro de mosaico, fabricado na manufactura do Vaticano; o sultão, uma collecção de tapetes de Smyrna e de porcellanas ottomanas. O imperador do Japão enviou tambem porcellanas e

bronzes preciosos; o imperador da Coréa, um antigo adereço, especimen curiosissimo das armas coréanas; o presidente Loubet mandou uns preciosos tapetes gobelinos e dois vasos de Sèvres. Por subscripção nacional, foi tambem offerecido á noiva um serviço de mesa de prata massiça, que custou 112.500 francos. Além destes, que são os mais importantes, recebeu a grã-duquesa Cecilia uma infinidade de presentes valiosos.

* * *

O *Jornal do Commercio*, de Porto-Alegre, dirigiu circulares aos escriptores brasileiros, perguntando, nada mais, nada menos:

«A que Estado do Brazil cabe a primazia na litteratura, attendendo ao numero dos escriptores que produziu até agóra, ao valor de suas obras e á influencia exercida no seu desenvolvimento?»

A pergunta, pela sua complexidade, é sublime. Deve ser de uma difficuldade encantadora descobrir, no Brazil, um Estado que tenha, nos termos do quesito, essa primazia — primazia pela maior producção de escriptores; primazia pela melhor producção de escriptores; primazia, emfim, pela sua influencia exercida no seu desenvolvimento.

O *Jornal* conta receber as respostas até dezembro proximo futuro. Póde, porém, desesperar disso: é humanamente impossivel conseguir do pensamento nacional que revele onde fica o Estado feliz dessa primazia.

APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

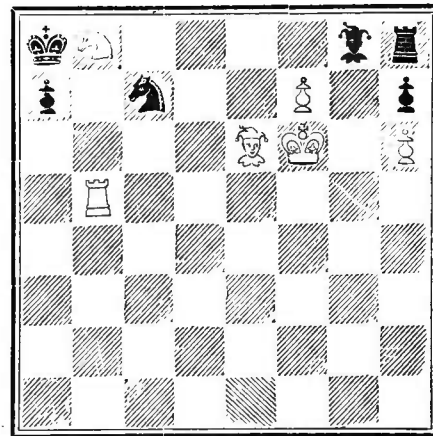
CUNHA, (Gastão da) formoso ornamento da Grande Bancada, um dos aspirantes á diplomacia — futuro diplomata de botas. Amigo intimo do Todo Poderoso, que illumina com o seu sorriso inoffensivo as salas frias do Cattete; tem a honra de tratar de *tu* os seus intelligentissimos filhos. Em politica, mostra uma admiração tenaz, quotidiana, contínua, pelo sr. Rodrigues Alves, cuja gloria de republicano é para o sr. da Cunha, superior á de Tiradentes. Nas letras, o seu homem é o sr. Affonso Arinos, o maior talento do Brazil actual. Entre os oradores, prefere-se a si proprio. Quando o vemos, elegantemente pousado na tribuna da Camara, enfiando o nobre dedo na cava do bello collete, obra prima do alfaiate de Juiz de Fóra, a fallar, demorando as palavras entre os labios, como quem as saboreia dizendo coisas profundamente ingenuas com uma inflexão reveladora de grandes coisas, comprehendemos que o canóro tribuno está se ouvindo, está se deleitando com a melodia da propria vóz, dengosamente meneando a cabeça inspirada, como um legitimo sabiá da matta, á beira duma estrada dessa livre e vasta terra mineira, que, fatigada de dar á luz glorias como Laffayette e Ouro Preto, partejou dolorosamente o sr. Gastão da Cunha — um portento!

PEDRO INNOCENCIO.

DIVERSÕES

XADREZ

PROBLEMA N.º 9
Frota Pessoa (Rio)
PRETAS (6)



BRANCAS (6) — Mate em dois lances.

PARTIDA N.º 9

GAMBITO DO REI RECUSADO

Branças (Blackburne)	Pretas (Marco)
P 4 R	— 1 — P 4 R
P 4 B R	— 2 — P 4 D (a)
P × P D	— 3 — P 5 R
P 3 D	— 4 — C R 3 B
D 2 R	— 5 — B 4 B D (b)
C D 3 B	— 6 — Roque
P × P	— 7 — T 1 R
C 3 B	— 8 — C × P R (c)
C × C	— 9 — B 4 B
C 5 R	— 10 — B × C
D × B	— 11 — P 3 B R
P 6 D!	— 12 — D × P (d)
B 3 R!	— 13 — B × B (e)
D 4 B x	— 14 — D 3 R (f)
D × D x	— 15 — T × D
B 4 B	— 16 — P × C
B × T x	— 17 — R 1 B
B 8 B	— 18 — P 4 T D
P × P	— 19 — T 3 T
T 1 B x	— 20 — R 1 R
T 3 B	— 21 — B 5 D
Roque	— 22 — C 3 B
B × P	— 23 — abandonam

(a) Este contra ataque, recusando o gambito, parece mais forte que a defesa classica; e ainda o anno passado, em um importante torneio, na Europa, em que só se jogou o gambito do rei, essa conclusão se impoz pelos resultados das diversas defesas adoptadas.

(b) Pouco usado.

(c) Lance, antes philaucioso que profundo, como se verá.

(d) Se 12... P × C; 13 — D 4 B x, seguido de D × B. Se 12... B × P ou P × P; 13 — B 4 B x, R 1 B; 14 — D × P T R e ganham.

(e) Lance quasi forçado, para não perder o B.

(f) Se 14... R 1 T; 15 — C 7 B x, R 1 C; 16 — C 6 T x, R 1 T; 17 — D 8 C x, T × D; 18 — C mate (*étouffé*).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 8: 1 — C 2 B, *ad libitum*; 2 — D ou C mate (6 variantes).

JOSÉ GETULIO.

A officina dos «Annaes», com um material perfeitamente moderno e novo, executa todo e qualquer trabalho typographico.